



**Jackson Giovan Lipke**

**AS VANTAGENS COMPARATIVAS DA PECUÁRIA DE  
CORTE NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL UMA  
ÊNFASE ECONÔMICA ENTRE OS ANOS DE 2012 A 2016**

**Horizontalina**

**2018**

**Jackson Giovan Lipke**

**AS VANTAGENS COMPARATIVAS DA PECUÁRIA DE  
CORTE NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL UMA  
ÊNFASE ECONÔMICA ENTRE OS ANOS DE 2012 A 2016**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas pelo Curso de Ciências Econômicas da Faculdade Horizontina (FAHOR).

**ORIENTADOR: Márcio Leandro Kalkmann, Economista, Mestre em  
Economia**  
**Coorientadora: Ivete Linn Ruppenthal, Administradora, Especialista em  
Administração**

**Horizontina**

**2018**

**FAHOR – FACULDADE HORIZONTINA  
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a monografia:**

**“As vantagens comparativas da pecuária de corte no Estado do Rio Grande do Sul, uma ênfase econômica entre os anos de 2012 a 2016”**

**Elaborada por:**

**Jackson Giovan Lipke**

como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em  
Ciências Econômicas

**Aprovado em: 05/12/2018**

**Pela Comissão Examinadora**

---

**Economista, Mestre em Economia. Márcio Leandro Kalkmann  
Presidente da Comissão Examinadora - Orientador**

---

**Administradora, Especialista em Administração. Ivete Linn  
Ruppenthal  
FAHOR – Faculdade Horizontina**

---

**Economista, Mestre em Gestão de Organizações e  
Desenvolvimento. Stephan Saviski  
FAHOR – Faculdade Horizontina**

**Horizontina**

**2018**

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pelo dom da vida e pela saúde. A Nossa Senhora Aparecida por me acompanhar e me proteger em todos os momentos.

A meus pais Dorildo e Ivone, pelo incentivo paciência conselhos e pelos esforços para que eu não me desvirtuasse do caminho dos estudos.

A meus mestres pela paciência e tranquilidade e por dividirem uma parte de todo seu conhecimento conosco, principalmente ao meu orientado professor Marcio Kalkmann por dedicar seu tempo para me auxiliar neste trabalho.

*Lute com determinação, abrace a vida com paixão, perca com classe e vença com ousadia, porque o mundo pertence a quem se atreve e a vida é muito curta para ser insignificante.*

**(Charles Chaplin)**

## RESUMO

A atividade pecuária foi de suma importância para o estado do Rio Grande do Sul no início de sua colonização, pois através dela houve o surgimento dos primeiros produtos exportados do Estado. Neste sentido este trabalho teve como objetivo geral analisar as vantagens comparativas da atividade da pecuária de corte do Estado do Rio Grande do Sul. Para tanto, foi analisado o período entre 2012 e 2016. O problema de pesquisa visou apresentar as vantagens comparativas do estado em relação ao comércio exterior. Com relação a metodologia, esta pesquisa se classifica como exploratória descritiva, pois têm por objetivo explicar e proporcionar maior entendimento do problema da pesquisa. Em relação aos métodos, classifica-se esta pesquisa em comparativa, uma vez que compara dados de diferentes períodos; também se classifica como histórica, pelo fato de apresentar dados e fatos históricos da atividade. Em relação as técnicas de pesquisa este trabalho é bibliográfico e documental pois utilizou dados de bibliografias já publicadas e documentos primários. Na análise e verificação dos resultados usou-se o software Microsoft Excel na confecção de tabelas e gráficos. No estudo buscou-se demonstrar a importância da pecuária para o desenvolvimento da economia gaúcha, apresentar as variações de exportação e produção de carne bovina ao longo do período estudado e também, relacionar as vantagens comparativas do RS em relação aos principais Estados exportadores. Para verificar as vantagens comparativas foi usado o cálculo de IVCR através de dados obtidos de sites como o IBGE, CONAB, Comex, Secex, ABIEC, FAO, FARMNEWS, entre outros. Com a pesquisa foi possível identificar que o Estado do Rio Grande do Sul, possui uma desvantagem comparativa em relação aos outros Estados na produção e Exportação de carne Bovina e pouca participação nas exportações do País.

**Palavras-chave:** Pecuária. Vantagens. Exportação.

## **ABSTRACT**

The livestock activity was of great importance for the state of Rio Grande do Sul at the beginning of its colonization, because through it there was the appearance of the first products exported from the State. The objective of this study was to analyze the comparative advantages of the cattle ranching activity of the State of Rio Grande do Sul. For this purpose, the period between 2012 and 2016 was analyzed. The research problem aimed to present the comparative advantages of the state in relation to foreign trade. Regarding the methodology, this research is classified as descriptive exploratory, since they aim to explain and provide a better understanding of the research problem. In relation to the methods, this research is classified in comparative, since it compares data of different periods; is also classified as historical, because it presents data and historical facts of the activity. In relation to the research techniques, this work is bibliographical and documentary, since it used data from already published bibliographies and primary documents. In the analysis and verification of the results Microsoft Excel software was used in the preparation of tables and graphs. The study aimed to demonstrate the importance of cattle raising for the development of the state of Rio Grande do Sul, to present variations in the export and production of beef over the period studied, as well as to compare the comparative advantages of SR in relation to the main exporting states. To verify the comparative advantages, the calculation of IVCR was used through data obtained from sites such as IBGE, CONAB, Comex, Secex, ABIEC, FAO, FARMNEWS, among others. With the research it was possible to identify that the State of Rio Grande do Sul has a comparative disadvantage in relation to the other States in the production and Exports of Bovine meat and little participation in the country's exports.

**Keywords:** Livestock. Benefits. Export.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Os elos da cadeia de produção da carne bovina .....	22
Figura 2: Alteração da curva de Demanda .....	18
Figura 3: Deslocamento da curva de Oferta.....	19
Figura 4: Equilíbrio de mercado .....	20
Figura 5: Elasticidade da demanda .....	21
Figura 6: Modalidades de Tarifas .....	30
Figura 7:Efetivo dos rebanhos bovinos do Brasil pela grande região da Federação de 2012 a 2016. ....	44
Figura 8: Efetivo de rebanho por tipo de Mesorregião e Microrregião.....	44
Figura 9: Rio Grande do Sul: Variação semestral no número de bovinos guiados para abate segundo a região de origem.....	45
Figura 10: Participação regional no total da receita bruta da atividade pecuária brasileira em 2015.....	46
Figura 11: Participação do Rio Grande do Sul nas exportações de carne bovina brasileira no período de 2012 à 2016.....	47
Figura 12: Variação em valores nominais das exportações gaúchas e brasileiras no período de 2012 a 2016. ....	48
Figura 13: Composição dos empregos formais da pecuária no RS em 2016. ....	49
Figura 14: Carne Bovina Produção em Milhões de Toneladas .....	37
Figura 15: Carne bovina exportação em Mil/Ton nos anos de 2012 a 2016 .....	39
Figura 16: Variação do volume de exportações de carne bovina no período de 2012 a 2016. ....	39
Figura 17: Participação dos principais países exportadores de carne bovina 2015 ..	41
Figura 18: Participação da receita bruta dos produtos pecuários no total da produção pecuária de 2015.....	41
Figura 19: Principais destinos da carne brasileira de janeiro a agosto de 2016.....	42



Figura 20: Índice de vantagem comparativa revela simétrica do RS em relação aos principais estados exportadores de carne bovina brasileira .....	50
Figura 21: Principais Estados compradores de Carne Gaúcha em 2016.....	51
Figura 22: Comparativo dos preços pagos pelo Arroba de Boi em SP e RS no ano de 2015. ....	53

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>2 REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	<b>15</b>
2.1 ATIVIDADE PECUÁRIA .....	15
<b>2.1.1 A introdução da pecuária no sul do País</b> .....	<b>16</b>
<b>2.1.2 A carne inserida no âmbito econômico</b> .....	<b>17</b>
<b>2.1.3 Equilíbrio de mercado</b> .....	<b>19</b>
2.2 CADEIA PRODUTIVA DA CARNE BOVINA .....	21
2.3 A PECUÁRIA E A CARNE BOVINA GAÚCHA.....	24
2.4 O BRASIL E A EXPORTAÇÃO .....	25
2.5 VANTAGENS COMPARATIVAS .....	27
<b>2.5.1 Índice de Vantagens Comparativas Reveladas - IVCR</b> .....	<b>29</b>
2.6 BARREIRAS E TARIFAS .....	30
<b>2.6.1 Tarifas</b> .....	<b>30</b>
<b>2.6.2 Barreiras não tarifárias</b> .....	<b>31</b>
<b>2.6.3 Subsídios</b> .....	<b>32</b>
2.7 O PROGRESSO TÉCNICO NA ATIVIDADE PECUÁRIA .....	33
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	<b>35</b>
<b>4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS</b> .....	<b>37</b>
4.1 VARIAÇÃO DA PRODUÇÃO E DAS EXPORTAÇÕES DE CARNE BOVINA DE 2012 A 2016 E SEUS IMPACTOS ECONÔMICOS .....	37
<b>4.1.1 A exportação brasileira</b> .....	<b>38</b>
4.2 A IMPORTÂNCIA DA CARNE BOVINA PARA O DESENVOLVIMENTO DA ECONOMIA NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL .....	43
4.3 VANTAGENS COMPARATIVAS NO SETOR DA PECUÁRIA GAÚCHA NO MERCADO NACIONAL.....	50
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>55</b>
<b>6 REFERÊNCIAS</b> .....	<b>57</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Nos estudos de ciências econômicas o ato de produzir baseia-se em transformar intencionalmente os chamados fatores de produção ou insumos primários em bens e serviços, denominados produtos finais. Esta conceituação genérica ilustra que a atividade produtiva resulta de uma atitude do homem. Ocorre que, de um modo geral, a produção animal e vegetal juntas formam a produção rural ou agronegócio (ACCARINI, 1987).

Produtos derivados do agronegócio, particularmente aqueles que provêm de setores que trabalham a proteína animal, necessitam de constante fiscalização para atenuar possíveis fraudes em seu processamento ou produção. Problemas relacionados a sanidade em sua industrialização podem vir a causar, ou até mesmo, já causaram prejuízos para o agronegócio brasileiro, fazendo com que produtos que derivam do mesmo, percam a credibilidade e confiança no mercado nacional e internacional. Estas fraudes podem fazer com que o Brasil perca a credibilidade de seus produtos perante o mercado internacional, principalmente em mercados exigentes, como os mercados Europeus e Asiáticos.

As vantagens comparativas<sup>1</sup> da pecuária brasileira levaram muitos anos para serem conquistadas através de modernizações, rastreabilidade dos rebanhos, vacinações, fiscalizações, melhoramentos genéticos entre outras ações necessárias para melhorar os índices de confiança da bovinocultura brasileira, que se estende por praticamente todos os estados do país. Assim, pode-se ter uma ideia básica do quão abrangente é este setor produtivo e sua importância na economia brasileira (AGROANALYSIS, 2017). Deste modo o tema desta pesquisa é o estudo das vantagens comparativas da carne bovina gaúcha no comércio internacional e sua importância para a economia do Estado do Rio Grande do Sul.

A industrialização da agricultura e a agropecuária no Brasil geraram uma certa dependência do setor industrial, esta dependência tem gerado grandes resultados e transformações tecnológicas que são experimentadas no campo. O termo agronegócio vem sendo utilizado com frequência, pois este termo é a junção de todas

---

<sup>1</sup> Vantagem Comparativa: A existência de vantagem comparativa é um determinante clássico da concorrência global. Quando um país ou países possui vantagens significativas quanto ao fator custo e ao fator qualidade empregados na fabricação de um produto (PORTER, 2004, p 260).

as áreas da agricultura, que agora passa a ser vista como um amplo e complexo sistema de produção.

Isso significa que o agronegócio transcende as fronteiras da propriedade rural e acaba invadindo o meio urbano dos municípios, gerando empregos, renda e levando seus produtos para os consumidores (CALLADO, 2006).

Para a Agroanalysis (2017) uma diminuição de comercialização de produção de carne e derivados afeta o processo de abate, que no final irá acarretar em uma diminuição da renda do produtor, que por sinal deixará de consumir outros produtos industrializados. Como por exemplo a venda de insumos para alimentar os rebanhos ou até mesmo medicamentos.

Ainda para a Agroanalysis (2017) a Embrapa vem aprimorando as estratégias de comunicação, para informar à sociedade sobre as novas formas de produção de carnes, como o “Protocolo Carne Carbono Neutro”, projeto que visa uma produção de carne com a integração de gado-floresta, minimizando assim o efeito estufa pela diminuição de emissão de gases. Esta é uma ideia de criação 100% brasileira, e que leva em consideração o bem-estar animal, demonstrando uma vantagem na produção da carne brasileira, se comparada aos demais países produtores.

Sabe-se que, o Brasil é um dos países que possuem tais vantagens na produção pecuária, cabendo as instituições governamentais e privadas promoverem a viabilização desta importante atividade econômica. Para Parkin (2008) um país possui uma “vantagem comparativa” na produção de um determinado bem se ele produzir este bem com um custo de oportunidade menor que outros países. Para o setor da bovinocultura de corte brasileiro ter reconhecimento em suas vantagens comparativas em relação aos demais países produtores, torna-se algo indispensável para o desenvolvimento do setor, aumentando assim a competitividade da carne brasileira junto ao mercado externo.

Diante deste contexto, o problema de pesquisa deste trabalho é: Quais são as vantagens comparativas da atividade de bovinocultura de corte para o Estado do Rio Grande do Sul no comércio exterior?

Este estudo se torna relevante devido a quantidade significativa de produtos alimentícios primários e secundários, fibras e energias renováveis produzidos no Brasil pelo agronegócio. O segmento é responsável por 30% do PIB nacional, mais de 40% da receita gerada com a exportação do país, cerca de 37% da mão de obra está alocada junto ao agronegócio ou ligada a ele, cerca de 45% dos gastos ou

consumo das famílias brasileiras tem referência com o agronegócio, e 50% da frota de veículos de carga são utilizados ou tem sua utilização ligada ao setor do agronegócio. Além disso a carne bovina ocupa lugar de destaque entre os produtos agrícolas provenientes da pecuária sendo que no ano de 2005/2006 o valor médio de sua produção variou em torno de U\$ 10,1 bilhões, ficando atrás apenas de produção de soja que foi estimada em U\$ 17,1 bilhões (MENDES e PADILHA, 2007).

Mostrar a importância desta atividade econômica ao público poderá ser uma das maneiras de incentivar o aumento de produção e exportação, levando em conta que o mercado atual exporta apenas cerca 20% de toda a produção de carne bovina produzida no país, sendo que, basicamente os 80% restante acabam abastecendo o mercado interno. O Brasil é o segundo maior produtor de carne bovina do mundo, mantendo 68% da área do seu território de pastagens com florestas preservadas, isso pode significar uma vantagem da carne brasileira e dar maior credibilidade para a carne bovina brasileira perante outros países (ABIEC, 2016).

Historicamente a agricultura tem ligação com a tecnologia, porém essa ligação pode ser separada em três períodos: O período da mecânica ou mecanização que no Brasil deu-se a partir da década de 50; o segundo período ficou conhecido como o período da química e que ocorreu na década de 1950 a 1990; e um terceiro período que é a biotecnologia, este que ocorre desde meados de 1980 até os dias atuais, onde cada vez mais pode-se ver os melhoramentos genéticos, tanto em plantas como em animais (ARCCARINI, 1987).

Conforme Parkin (2008) os avanços tecnológicos e melhoramentos que são capazes de gerar o crescimento econômico, auxiliam a população a poupar recursos naturais e limpar o ambiente. Por exemplo um setor de produção eficiente possui menos impacto ambiental e maior impacto social.

A importância desta pesquisa baseia-se em compreender melhor as vantagens comparativas e com isso promover maiores investimentos em tecnologia no setor produtivo da carne bovina podendo assim, aumentar as vantagens em relação a outros Estados. Pode-se então desenvolver novas formas de produção e preencher lacunas tecnológicas do setor, aumentando assim o nível de produção das regiões, sem uma expansão do espaço físico (área de terra) do produtor. Tornando assim a Pecuária de corte do Estado do Rio Grande do Sul mais competitiva no cenário nacional e internacional.

Conseqüentemente, este aumento irá gerar emprego e renda e crescimento econômico, sem alteração na estrutura física do produtor primário. E sim com o incremento de novas técnicas de produção, expandindo assim a produção primária e conseqüentemente o mercado de exportação de carne, alavancando a economia regional através do estudo de sua cadeia produtiva e análises comparativas.

De acordo com Mendes e Padilha (2007) a população é um dos fatores mais importantes para a demanda de alimentos. Pois, com a ausência de população não haveria a “necessidade humana”. E sem necessidades, não existiria a economia, não havendo o agronegócio e sim apenas a agricultura de subsistência.

O consumo de produtos alimentícios tem relação direta com o crescimento populacional, densidade demográfica e até mesmo com o índice de alfabetização da população. Produtos de origem animal tendem a serem mais consumidos conforme houver um aumento de renda, principalmente os mais nobres, como a carne (MENDES e PADILHA, 2007).

Desta forma, dadas as considerações anteriores, o objetivo geral deste estudo é analisar a situação comercial da atividade da bovinocultura de corte e suas vantagens em relação ao comércio exterior.

Os objetivos específicos deste estudo são:

- a) Observar a variação da produção e das exportações de carne bovina do país nos anos de 2012 a 2016 e seus impactos econômicos;
- b) Salientar a importância da carne bovina para o desenvolvimento da economia no Estado do Rio Grande do Sul;
- c) Apresentar as vantagens comparativas no setor da pecuária gaúcha em relação aos outros Estados brasileiros.

Este relatório está dividido em capítulos. No capítulo 1 está a introdução, onde estão alocados o tema, problema de pesquisa, os objetivos e a justificativa que procura evidenciar a importância da pecuária de corte bovina para a economia brasileira e do Estado do RS. No capítulo 2 encontra-se o referencial teórico, onde os principais assuntos abordados são conceitos econômicos, a cadeia produtiva da carne, algumas características da carne bovina gaúcha, as exportações de carne brasileira e a tecnologia empregada na produção de carne.

No capítulo 3 encontra-se a metodologia, a qual está estruturada em métodos de procedimentos, abordagens, técnicas de coletas de dados e as formas de como os mesmos foram analisados. No capítulo 4 encontra-se a análise e discussão dos

resultados onde tem-se uma visão de quão importante a carne bovina é para a economia do estado do Rio Grande do Sul.

Também se encontra neste capítulo as variações na produção nacional de carne bovina e as variações nas exportações brasileiras ao longo dos anos de 2012 há 2016. Juntamente com a participação da pecuária no PIB, e na renda dos produtores, apresentação do índice de IVCR<sup>2</sup> o qual compara a atividade pecuária de corte entre os principais estados exportadores.

---

<sup>2</sup> IVCR: Índice de Vantagens Comparativas Revelado

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

Na literatura encontra-se diferentes sistemas de produção, teorias econômicas e história do mercado da carne. Neste capítulo buscou-se informações da cadeia produtiva, sintetizar a teoria econômica e como a carne está ligada a ela, buscando evidenciar a importância da carne e da pecuária para o desenvolvimento e ocupação do Rio Grande do Sul, e assim, poder demonstrar como a pecuária está inserida junto a economia.

### 2.1 ATIVIDADE PECUÁRIA

Segundo Arccarini (1987) a produção animal engloba desde a criação de abelhas, peixes, rã, bicho da seda, aves, até a criação de gado (pecuária). Mesmo que a identificação internacional da atividade econômica nas Nações Unidas, ONU, inclua estas atividades acima citadas no bloco pecuário, habitualmente considera-se apenas as criações de bovinos (corte e leite), equinos, bubalinos, e a chamada “pecuária de pequenos animais” onde incluem-se na classificação os suínos, ovinos, caprinos, e coelhos dentre outros animais de pequeno porte.

A atividade pecuária surgiu no período da colonização como uma atividade de subsistência dos colonizadores portugueses e espanhóis, e também era considerada uma atividade auxiliar as outras culturas. Tendo seu início no Brasil nas regiões do Nordeste migrando posteriormente para o sul e sudeste (SABADIN, 2006).

Lemos (2006) afirma que os bovinos vieram na colonização para o Brasil, importados da Europa e foram criados de forma extensiva. Neste período de colônia a produção pecuária era diretamente ligada as atividades canavieiras, limitando-se a alimentação e tração desta atividade. Com o aumento do setor canavieiro, houve um crescente na demanda por animais, tanto para alimentação como para tração. O aumento deu início a pecuária extensiva nas regiões de “fronteira móvel”. Este fato foi de grande contribuição para o povoamento e ocupação das áreas interioranas da colônia e apropriação de grandes espaços de terra fazendo assim as interligações das regiões brasileiras.



### 2.1.1 A introdução da pecuária no sul do País

Em decorrência de fatores como a mineração, cultivo de café, foco em outras atividades econômicas de outras regiões do país, a atividade pecuária alcançou importância concomitante na região sul. “Os campos sulinos” são considerados o “paraíso” para a pecuária do país, em função de suas características de solo, clima, topografia, vegetação e água em quantidades fartas (LEMOS, 2006).

A bovinocultura foi inserida na região sul pelas “missões jesuítas e castelhanos no início do século XVII. Os animais se proliferaram fartamente, estendendo-se aos Campos Gerais, para serem fornecidos aos mercados de São Paulo, Rio de Janeiro, e Curitiba. Os animais da região mais ao sul, supriam os domínios castelhanos, em função da região estar em destaque do resto da extensão territorial do país até “meados” do século XVIII (LEMOS, 2006).

A partir de 1737, o processo de colonização foi acentuado na região sul, após um período de guerras, finda-se e a extensão de terras passa a fazer parte Brasil. Neste período os “rebanhos” eram aniquilados e restaurados constantemente, com o término das guerras se estabeleceram as primeiras propriedades, conseqüentemente onde se encontravam as aglomerações militares (LEMOS, 2006).

No início o couro era o principal produto exportado em volumosas quantidades, a carne era menosprezada em um montante quase total, por não haver habitantes “suficientes” para seu consumo, neste período (início do século XIX), não existia a “exportação de gado a pé” (animais vivos), em torno a região de Pelotas e São Gonçalo. Aos poucos surgiu uma movimentação organizada que se tornou a “indústria do charque” que no início do século subsequente “já exportava 60 mil arrobas de charque”. Outros produtos começaram a incorporar o mercado como chifre e sebo empregados na produção de graxa e instrumentos para navios, provenientes da produção pecuária (PRADO JR., 2010).

Os esgotamentos dos solos contribuíram de maneira inusitadas para o crescimento da pecuária, conforme as terras perdiam sua capacidade produtiva para o plantio, as mesmas migravam para a pecuária. A medida que a mesma exigia menor nível de qualificação do solo, e o aumento do preço comercial da carne e couro levava ao crescimento do setor no Estado (LEMOS, 2006).

A atividade pecuária desenvolvia-se constantemente e expandiu-se rumo a região norte, a datar da década de 1930, com uma visão à região central brasileira, o

consumo em ascensão instigou os primeiros investimentos para a “produção de carne congelada e produtos derivados de carne enlatados”. Investimentos estes de procedência americana e inglesa, com a finalidade de inserir um novo negócio que estava voltado para o abastecimento do mercado internacional, instalando-se assim empreendimentos frigoríficos modernos e com experiência sobre o processamento e industrialização da carne (CAMPOS, 1994 apud LEMOS, 2006).

### **2.1.2 A carne inserida no âmbito econômico**

De acordo com Mendes e Padilha (2007) a população é um dos fatores mais importantes para a demanda de alimentos. Pois com a ausência de população não teríamos a “necessidade humana”. O consumo de produtos alimentícios tem relação direta com o crescimento populacional, densidade demográfica, grau de renda e até mesmo com o índice de alfabetização da população. Produtos de origem animal tendem a serem mais consumidos conforme houver um aumento de renda, principalmente os mais nobres, como a carne.

Para Pindyck e Rubinfeld (2005) a microeconomia trata de limitações, ou seja, a alocação máxima de recursos escassos para necessidades ilimitadas, os consumidores possuem sua renda limitada, a qual é gasta em uma ampla variedade de bens e serviços, ou aplicada em uma poupança para o futuro. Tanto trabalhadores e consumidores fazem constantemente a relação de equilíbrio entre a aquisição de bens ou poupança, com intuito de maximizar os gastos de sua renda.

Ao observar o crescimento populacional mundial, somado ao aumento na demanda<sup>3</sup> de alimentos de maneira exponencial, *coeteris paribus*<sup>4</sup>, tem-se um “deslocamento da curva de demanda para a direita”. Segundo Parkin (2008) a curva da demanda demonstra a relação entre quantidade de um bem e seu preço quando todas as influências sobre o seu consumo permanecem constantes. Isso significa que, por exemplo, ao ter um incremento de 2% na população de um país, e todos os fatores se manterem constantes, a curva de demanda estaria deslocando-se para a

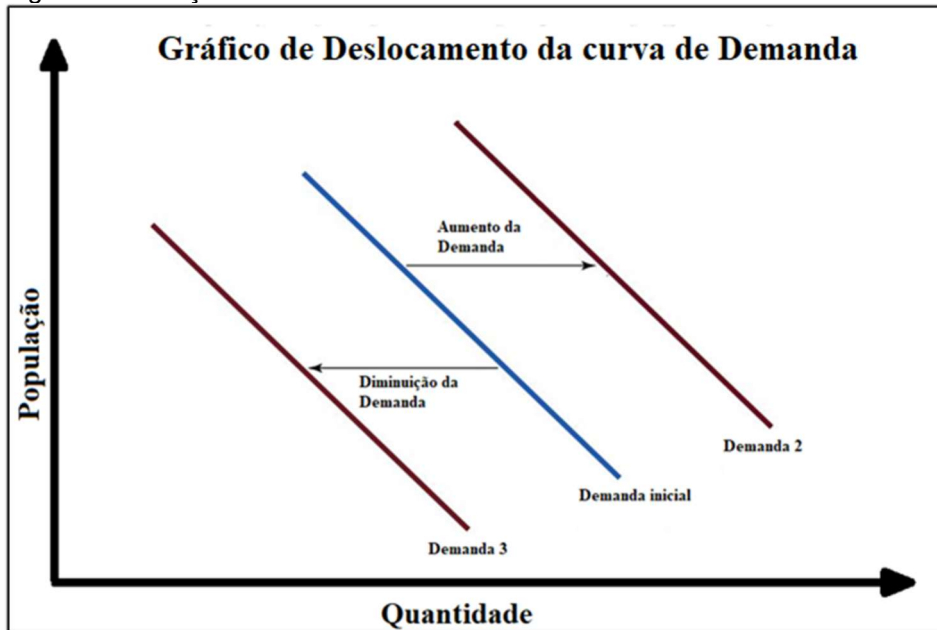
---

<sup>3</sup> Demanda: “O termo demanda se refere a relação completa entre o preço de um bem e a quantidade demandada deste bem”, a demanda é ilustrada pela curva de demanda e pela tabela de demanda (PARKIN, 2008, p. 56).

<sup>4</sup> *Ceteris Paribus*: É um termo em latim que significa “todas as demais condições mantidas iguais” ou “todos os fatores relevantes forem constantes” (PARKIN, 2008, p.11).

direita neste percentual, quanto o aumento no consumo geral anual de alimentos (MENDES e PADILHA, 2007).

Figura 1: Alteração da curva de Demanda

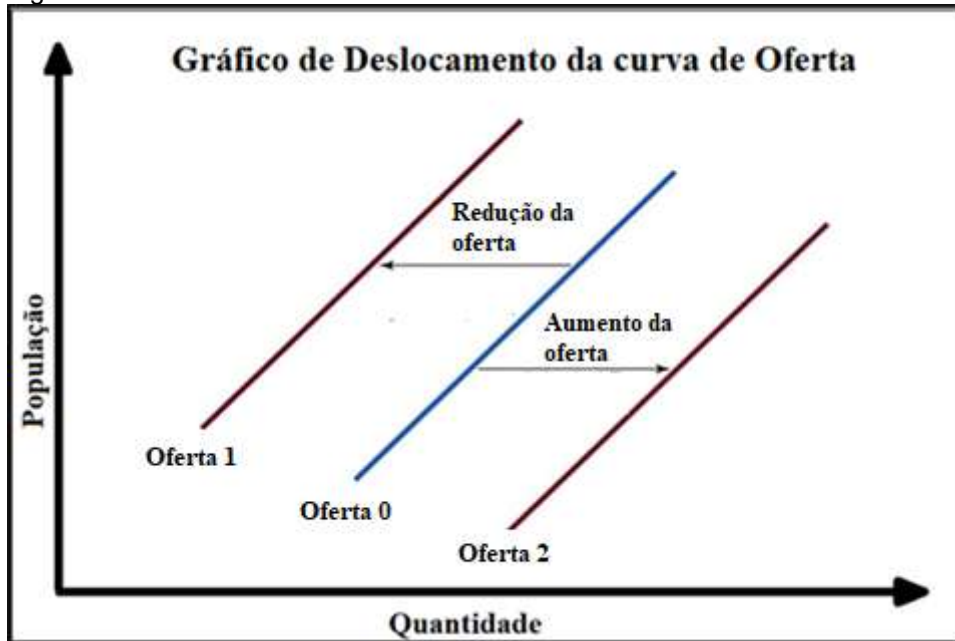


Fonte: Adaptado de Pindyck e Rubinfeld, (2005).

Com o incremento em tecnologia teríamos um deslocamento na curva de oferta<sup>5</sup> para a esquerda diminuindo então os custos produtivos e aumentando a oferta de produto no mercado. Segundo Pindyck e Rubinfeld (2005) a curva de oferta informa qual é o volume quantitativo de bens e mercadorias que os produtores estão dispostos a ofertar ao mercado. Outras variáveis podem causar deslocamento na curva de oferta, tanto para a direita como para a esquerda conforme a figura 3.

<sup>5</sup> Oferta: O termo oferta refere-se à relação completa entre o preço de um e a quantidade ofertada deste bem. Ela é representada pela tabela de oferta e pela curva de oferta (PARKIN, 2008, p.60).

Figura 2: Deslocamento da curva de Oferta



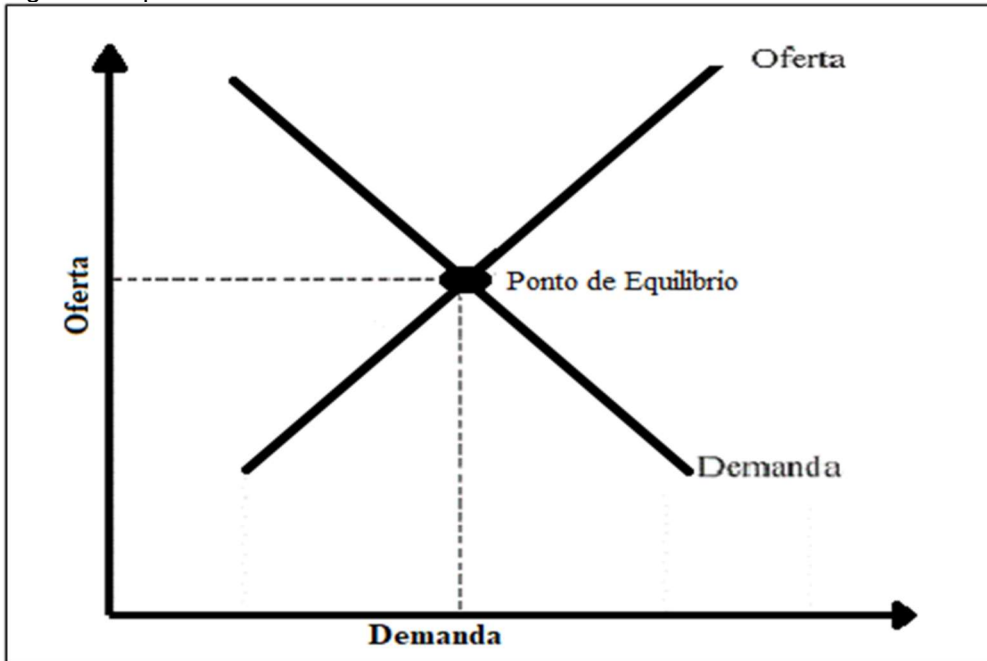
Fonte: Adaptado de Pindyck e Rubinfeld (2005).

A carne sofre influência direta dos considerados bens substitutos tanto em sua demanda como em sua oferta. Parkin (2008) um bem substituto é aquele bem que pode ser usado no lugar de outro, por exemplo se o preço da carne bovina aumentar, os consumidores passarão a consumir mais unidade de carne de frango ou suína aumentando sua demanda e diminuindo a demanda por carne bovina. Porém a carne bovina tem uma particularidade onde ela mesma pode ser considerada seu próprio bem substituto, pois uma vez que o preço da carne bovina de primeira aumentar e os consumidores diminuam a demanda pela mesma, podem aumentar a demanda pela carne bovina de segunda, tornando-a um bem substituto da carne de primeira.

### 2.1.3 Equilíbrio de mercado

No equilíbrio de mercado quando um preço de um bem aumenta, sua quantidade demandada diminui, e conseqüentemente sua quantidade ofertada irá aumentar. O equilíbrio de mercado é a situação onde as quantidades se contrabalançam, essa estabilidade acontece quando a quantidade demandada é a mesma que a ofertada conforme a representação da figura 3 (PINDYCK e RUBINFELD, 2005).

Figura 3: Equilíbrio de mercado



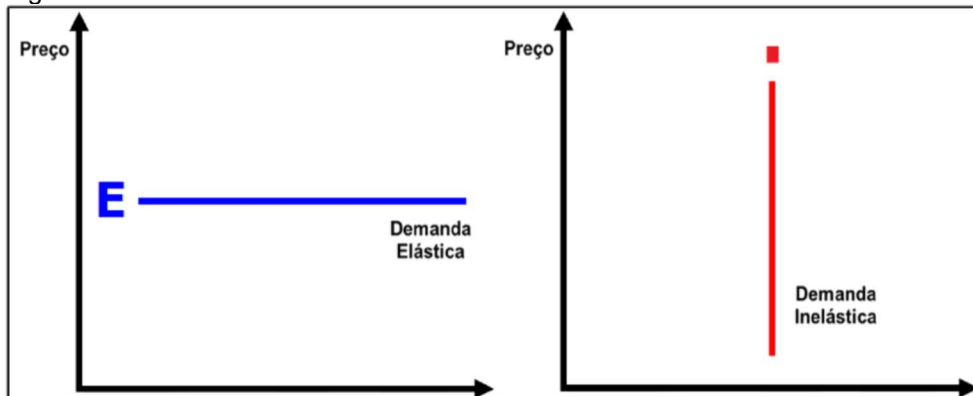
Fonte: Adaptado de Pindyck e Rubinfeld (2005).

No livre mercado a propensão é de que o preço flutue livremente até se auto equilibrar, ou seja quando igualar a oferta e demanda, nesse ponto do mercado não há escassez nem excesso de oferta e a maximização dos resultados. Porém nem sempre essa igualdade ocorre de forma rápida e constante e em alguns mercados este equilíbrio ocorre pouquíssimas vezes. A tendência é que os mercados busquem o equilíbrio entre a oferta e a demanda constantemente (PINDYCK e RUBINFELD, 2005).

Em determinado tempo sabe-se que o preço pode aumentar e a demanda de carne diminuir ou vice e versa, este fenômeno acontece com quase que a maioria dos bens e trata-se da elasticidade preço da demanda. Para Parkin (2008) trata-se de um “número puro”, este indica a precisão da quantidade demandada de um bem quando ocorrer alterações em seu preço e todos os outros fatores que intervenham se mantem constantes.

A demanda pode ser classificada como elástica ou inelástica, sendo que quando a quantidade demandada de um determinado bem permanecer a mesma independente do preço. Esta situação é classificada como uma demanda perfeitamente inelástica. Sendo assim quanto mais vertical for a curva de demanda de determinado bem menos elástica é sua demanda (PINDYCK e RUBINFELD, 2005).

Figura 4: Elasticidade da demanda



Fonte: Adaptado de Pindyck e Rubinfeld (2005).

Segundo Parkin (2008) quando a quantidade demandada variar em proporção muito elevada, e existir apenas uma pequena variação de preço. Afirmar-se assim que este bem possui uma demanda perfeitamente elástica. Pode-se dizer então que quanto mais horizontal for a inclinação da “curva de demanda” do produto em questão mais elástica será sua demanda. A carne por exemplo não pode ser considerada um bem de demanda elástica.

## 2.2 CADEIA PRODUTIVA DA CARNE BOVINA

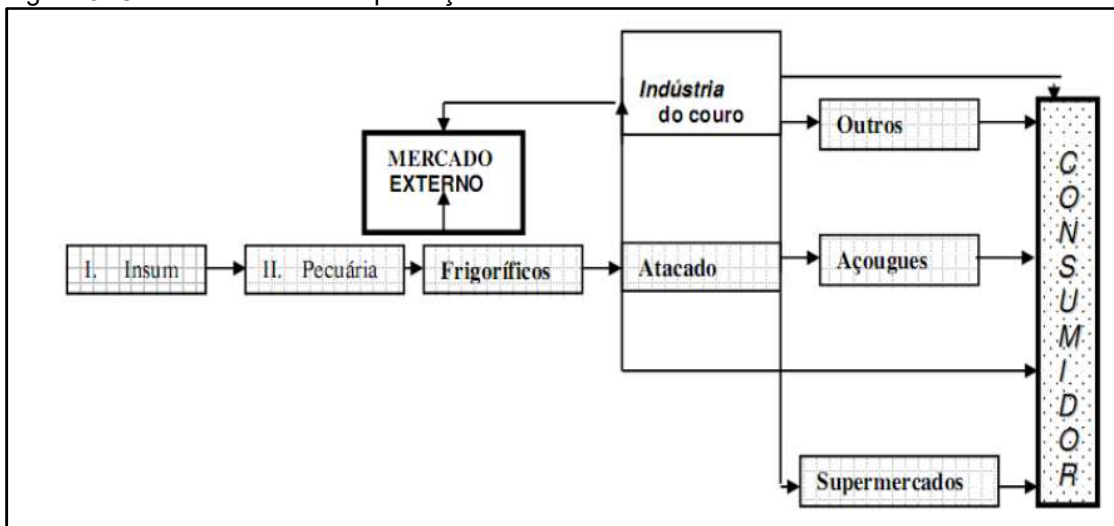
A cadeia produtiva de carne bovina pode ser classificada como um conjunto de componentes interativos. Com estruturas produtivas diferentes, fornecedores de diferentes serviços e insumos, indústrias de preparação e produção, distribuição, alocação e vendas de produtos e subprodutos, e seus respectivos consumidores finais (BLISKA e GONÇALVES, 1998).

Atualmente esta cadeia produtiva vem enfrentando dificuldades oriundas da falta de subsídios para regular o setor de forma sistemática. As deficiências do sistema produtivo, em termos sustentáveis, pois temos que levar em conta que a produção de matéria prima (boi) é um processo muito longo, outras limitações são em eficiência e desempenho, e da necessidade de se abordar o assunto sob a ênfase na cadeia produtiva, determinam quais as medidas devem ser tomadas com urgência para “reverter à situação atual do setor bovino de corte”. Que com o passar dos anos vem

perdendo espaço no mercado para outras cadeias agroalimentares concorrentes, como o caso da soja por exemplo (IUMA, 2007).

A cadeia bovina no mercado pode ser dividida em três grandes blocos. O “mercado consumidor” que serão os consumidores da carne bovina processada e vendida pelas indústrias; “mercado fornecedor” que oferta a matéria prima, e materiais necessários para processamento e comercialização da carne bovina e o “mercado concorrente” que oferta e vende aos consumidores produtos similares a carne. O produtor rural, como o frigorífico, faz parte do mercado fornecedor, o primeiro da cadeia pois o produtor fornece a matéria prima e o frigorífico processa esta matéria prima (IUMA, 2007).

Figura 5: Os elos da cadeia de produção da carne bovina



Fonte: Machado; Neves (2000) apud IUMA (2007).

Na origem da cadeia, tem-se os produtos primários, sementes, rações, animais entre outros, além de empresas que comercializam produtos e prestam assistência aos produtores primários. Logo após temos os produtores (fornecedores de matéria prima) que buscam tecnologias de produção e novos sistemas, melhorias genéticas para maximizar sua produção (IUMA, 2007).

Após, vê-se o mercado processador de matéria prima (frigorífico), neste setor nos recentes anos, a média de lucratividade foi baixa, onde subprodutos como o couro minimizaram as baixas de rentabilidade. As cargas tributárias elevadas, retiradas fiscais e organizações de abate clandestinas causaram desorganizações no setor. Não havendo “coordenação entre os elos a competitividade da cadeia fica

comprometida” a ausência de poder de negociação (frigorífico x varejo) causa uma certa tensão sobre o produtor rural nos momentos de negociar os preços e prazos dos animais abatidos (IUMA, 2007).

Após pode-se ver a estrutura de comercialização da carne subdividida em quatro espécies de estabelecimentos “super e hipermercados”, açougues e boutiques de carne, onde 60% da produção é comercializada em super e hipermercados e os outros 40% divididos entre açougues e boutiques de carne. No final da cadeia vemos o mercado consumidor, com níveis de exigência maiores, buscando informações sobre o produto e a forma de sua produção, informações sobre a sustentabilidade das fazendas produtoras, se as mesmas são adequadas as políticas de bem-estar animal, vem sendo fatores determinantes na credibilidade, da escolha e compra do produto (IUMA, 2007).

Ter conhecimento para qual mercado consumidor deve ser direcionado a agroindústria de processamento é um dos fatores determinantes para o sucesso do empreendimento, pois sabe-se que o mercado consumidor não é amplo e constituído por partes menores que formam um todo, nomeados “segmentos de mercado” com atributos próprios imensamente variáveis. Tanto para o mercado fornecedor como para o mercado concorrente, destaca-se na cadeia produtiva da carne bovina a indústria de processamento da carne, o frigorífico (ALIEVE, 2016).

No frigorífico a metodologia das informações é mais ampla e tem maiores fontes. Estas informações podem ser importantes, quando transmitidas aos produtores de maneira e forma correta. De certa forma, a “organização varejo/frigorífico” não presta estas informações aos produtores limitando a eles apenas informações sobre qualidade e padrão que os animais de futuro abate devem possuir, limitando-se essas informações importantes somente na ocasião da compra ou venda destes animais (IUMA, 2007).

A grande disparidade dos sistemas de produção e a descoordenação de toda a cadeia (produtores, frigoríficos, atacadistas e varejistas) são responsáveis pela ampla “heterogeneidade” de carcaças e de modo conseqüente, da carne bovina produzida, ocasionando problemas no momento da comercialização. Além disso, há etapas em sua produção, que em dependência de fatores ambientais e biológicos, “são de difícil superação, como ter um longo ciclo produtivo”. Paralelo a isto, o consumidor está cada vez mais exigente, buscando qualidade, constância e segurança do produto. Portanto,



produzir para atender as exigências das demandas de mercado, torna-se o grande desafio do pecuarista brasileiro (SUÑÉ, 2005 apud IUMA, 2007).

### 2.3 A PECUÁRIA E A CARNE BOVINA GAÚCHA

A história da ocupação do Estado do Rio Grande do Sul (RS), está interligada com o desenvolvimento da sua atividade agropecuária, destacando-se a produção de bovinos de corte, a pecuária de corte começou a ter importância comercial no momento que surge um aumento da demanda por charque, originária da necessidade de alimentação dos escravos que trabalhavam nas grandes fazendas e áreas cultivadas do centro e do norte do país. Esse incremento na demanda estimulou o início das “charqueadas” os rebanhos bovinos, abundantes na época no território do estado saciava a demanda das charqueadas, e com o passar do tempo inovações e processo tecnológicos de abate surgiram, com eles indústrias mais modernas foram substituindo as primitivas charqueadas pela carne in natura processada ou congelada (LEÃES, 2015).

A pecuária, que já fora atividade econômica principal do Estado, não vive hoje sua melhor situação. O baixo nível de remuneração da bovinocultura no Estado e o antagonismo com outros estados, fez com que o rebanho gaúcho perdesse espaço com referência ao rebanho nacional. Isto demonstra a dificuldade dos criadores em concorrer com carne proveniente de outros estados a baixos preços, e uma ausência de uma política voltada para a pecuária. Diante deste cenário os produtores de bovinos de corte do Rio Grande do Sul procuram alternativas para recuperar novamente seu espaço no cenário nacional (MASUQUETI e RIBAS, 2006).

Os campos sulinos são considerados o “paraíso” para a pecuária do país, em função de suas características de solo, clima, topografia, e vegetação, e água em quantidades fartas (LEMOS, 2006).

A área pastoril do estado, 68,9% dela é composta de campo nativo, a pastagem de inverno aparece em 20,2% dessa área, o campo nativo melhorado aparece na terceira posição com 5,4% de participação, a pastagem cultivada permanente aparece em 4% dos casos e a pastagem anual de verão representa apenas 1,4% deste território. Boa parte dos produtores (87%) considera os campos nativos como um recurso excelente ou razoável, sendo que a maioria dos campos nativos (61%) é formada por campos mistos. Aproximadamente 30% dos campos nativos são finos e os

9% restantes são compostos por campos grossos (MASUQUETI e RIBAS, 2006, p.5).

O RS é destaque como um dos principais fornecedores de gado para o Brasil desde os primórdios da ocupação territorial o RS. A bovinocultura de corte desempenhou um papel fundamental em relação a este fato (ABREU, 1953 *apud* LEÃES 2006).

A participação do RS nas exportações brasileiras de carne bovina em 2006, foi aproximadamente de 8%. Em 2007, ocorreu uma queda intensiva das exportações gaúchas, consequente da baixa importação de carne in natura (basicamente por parte da Rússia), resultado da forte concorrência com os estados do centro-oeste. A velocidade com que outros estados preencheram os mercados cedidos pelo RS ocasionou perdas importantes nas exportações gaúchas, reproduzindo assim uma baixa eficiência produtiva, atualmente, o Estado é responsável por aproximadamente 4% das exportações brasileiras de carne bovina (ALIEVE, 2016).

#### 2.4 O BRASIL E A EXPORTAÇÃO.

Segundo Sabadin (2006) apesar de 80% da produção de carne bovina brasileira seja destinada ao consumo interno, o crescimento expressivo das exportações nos últimos anos, tem contribuído para gerar os crescentes superávits da balança comercial brasileira. Segundo a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação, FAO no ano de 2004 as exportações foram de 1,4 milhões de toneladas, representando um faturamento de U\$ 2,4 milhões, com crescimento de 248% em relação ao ano de 2000.

No ano de 2004 o Brasil ultrapassou a Austrália e se tornou o maior país exportador de carne bovina do mundo. A carne bovina tem importante participação na economia brasileira, no PIB total do agronegócio de 2006, que esteve estimado em R\$ 539,6 bilhões, a cadeia da carne bovina teve uma participação de cerca 12%, totalizando um valor estimado em R\$ 65,1 bilhões (IUMA, 2007).

Segundo Sabadin (2010) as informações obtidas para o ano de 2007 junto ao United States Department of Agriculture (USDA), dez países são responsáveis por aproximadamente 90% da produção mundial, sendo mais da metade desta feita por apenas cinco países, os quais, em ordem decrescente, são: Estados Unidos, Brasil, China, Argentina e Índia. Cabe esclarecer que o bloco econômico da União Europeia

é o terceiro maior produtor mundial, no entanto tomando a análise em conta por país, é a China que ocupa a terceira posição.

Posterior a crise mundial financeira no ano de 2008 a demanda pelas proteínas de procedência animal (carne) no “mercado internacional” demonstrara elevação ao termino do ano de 2009. Fomentada pelo crescimento da China que expunha uma perspectiva de crescimento no consumo de carne bovina de 3 a 5% nos subseqüentes 10 anos. Esta situação promissora a produção de carne bovina, coloca o MERCOSUL, como agente principal no mercado mundial de carnes, em virtude da sua grande quantidade de água potável relacionado ao nível populacional, está vantagem estimulou a instauração de novas empresas em diversos países do Bloco (BLISKA e GUILHOTO, [s.d]).

O Brasil possui o maior rebanho comercial bovino do mundo, com 214 milhões de cabeças, tendo exportado em 2015 o equivalente a US\$ 5,9 bilhões. Os números da CNA mostram que o mercado interno é responsável por cerca de 80% do consumo da carne bovina produzida no Brasil e os demais 20% são exportados para o mercado externo (CNA, 2016).

No passado “China e Hong Kong foram os principais mercados compradores, gerando receita de US\$ 1,45 bilhão e participação de 25,1% no total das exportações. Em segundo lugar esteve a União Europeia UE, comprando US\$ 772,75 milhões, 13,3% do total. Na terceira posição o Egito, US\$ 661,25 milhões. Os Estados Unidos aparecem em sétimo lugar, com importações de S\$ 285,2 milhões e participação de 4,9% nas vendas externas de carne bovina do país” (ABIEC, 2016).

Grande parte dos governantes dos países que compõe o MERCOSUL está instigando a exportação de alimentos, incluindo a carne bovina, entretanto há países integrantes do bloco que manifestam um ponto de vista adverso a exportação de carne bovina como uma maneira de geração de renda ao país, pois defendem que o processamento da carne in natura e a importação de produtos industrializados gerariam maior emprego e renda para o país (MARQUES *et.al.*, 2011).

Segundo o vice-presidente da CNA e presidente da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Goiás (FAEG), José Mário Schreiner (apud CNA, 2016, s/p), “o Brasil assumiu o compromisso da sustentabilidade na produção de carne bovina. Mantendo a qualidade e a sanidade do rebanho, livre de doenças, com o objetivo de garantir o consumo interno e conquistar cada vez mais o mercado externo junto aos países da União Europeia” (UE).

Locateli (2016) apud CNA (2016, s/p) gerente executivo da Associação dos Criadores de Nelore do Brasil, diz que “a carne brasileira atende em qualidade e quantidade os rígidos padrões internacionais de certificação”. Conforme Sabadin (2006) a cadeia agroindustrial da carne bovina é muito diversificada, gerando empregos tanto na produção, industrialização e comercialização, quanto em outros elos, como o plantio de grãos, armazenamento, transporte, etc.

## 2.5 VANTAGENS COMPARATIVAS

Segundo Fundação de Economia e Estatística - FEE (2016) no cerne dos debates envolvendo o comércio internacional perduram duas posições relevantes, com referências às políticas de comércio entre os países. De um lado, os países que seguem a proteção dos mercados domésticos, limitando o fluxo comercial com o intuito de preservar a renda em “determinados” setores e/ou regiões. E de outro lado, estão àqueles países que defendem o livre comércio com apoio nas vantagens comparativas.

As fontes da vantagem global originam-se basicamente de quatro causas: vantagem comparativa convencional, economias de escala ou curvas de aprendizagem (...), vantagens decorrentes da diversificação do produto e o caráter de bem público da tecnologia e das informações do mercado: Vantagem Comparativa: A existência de vantagem comparativa é um determinante clássico da concorrência global. Quando um país ou países possui vantagens significativas quanto ao fator custo e ao fator qualidade empregados na fabricação de um produto, esses países são locais de produção e as exportações fluem daí para outras partes do mundo. Nessas indústrias, a posição estratégica da empresa global nos países com uma vantagem comparativa é crucial para a sua posição no nível mundial (PORTER, 2004, p 260).

O primórdio da teoria clássica do comércio foi marcado pela presunção das vantagens absolutas de Adam Smith. Ele alegava que um país deveria se especializar na produção e exportação de um determinado bem o qual tivesse custos produtivos inferiores quando comparados aos de outros países. Outros bens que tivessem custos de produção maiores deveriam ser substituídos e produzidos em países onde fossem produzidos com custos menores. Segundo a linha pensamento de Smith, o comércio internacional oportuniza que um país consiga produzir uma quantidade elevada de um bem cuja produção é mais eficiente, podendo consumir mais bens do que seria capaz de produzir (KRUGMAN e OBSTFELD, 2001).

O país que conseguisse produzir um determinado bem com menos recurso que outro, este teria uma vantagem absoluta na produção do determinado bem, repetidamente esta era uma situação estabelecida com referência a um de aperfeiçoamento de uma determinada economia. Produtos relacionados a agricultura não podem ser exceções uma vez, que sofrem com as condições de sazonalidade em sua produção (TONHÁ; CUNHA; WANDER, 2010).

Para Krugman e Obstfeld (2001) tomando como base o modelo Ricardiano, os mesmos criticam à “especialização extrema” que dentro do mundo real não ocorre, conforme exalta o modelo clássico, em função de existir mais de um único fator de produção restringue a propensão a especialização; a existência do “protecionismo industrial; e custos relacionados aos transportes internacionais podem ser tão protuberantes que conduzem a economia interna à autossuficiência em alguns setores.

A essência do argumento ricardiano é que o comércio internacional não requer vantagens absolutas diferentes e que é possível e desejável trocar quando a vantagem comparativa existe. Uma vantagem comparativa existe sempre que os requisitos de trabalho relativo diferirem entre duas mercadorias. Isto significa simplesmente que, quando os requisitos do trabalho relativo são diferentes, a oportunidade de custo interno das duas mercadorias será diferente nos dois países; isto é, as médias de preços internos são diferentes entre dois países antes da troca (APPLEYARD, DENNIS R., 2010, p.34).

Segundo Tonhá, Cunha e Wander (2010) esse conceito foi elaborado em 1817 pelo economista inglês David Ricardo, com intenção de atestar que é proveitoso a um país sua especialização, então foi determinado por Krugman (2001) como. “Um país possui uma vantagem comparativa de um bem se o custo de oportunidade na produção desse bem em relação aos demais é mais baixo do que em outros países”.

O que também deve se levar em consideração em termos de “comércio internacional” é fato de se analisar a produtividade em condições relacionadas ao bem que o país produz, dessa maneira deve-se equiparar o custo para se produzir o mesmo bem em países distintos. O país que evidenciar o custo menor, é possuidor de vantagem na produção do bem. Quando considerar-se a produtividade e os custos relativos, o conceito de vantagem comparativa passa a ser utilizada (TONHÁ; CUNHA; WANDER, 2010).

### 2.5.1 Índice de Vantagens Comparativas Reveladas - IVCR

Com influência da lei das vantagens comparativas de David Ricardo, Bela Balassa desenvolveu em meados de 1965 um indicador próprio para analisar o índice de vantagem comparativa revelada (IVCR). Balassa levou em conta que as importações sofriam influência e são muito afetadas por medidas de proteção e por este motivo optou por formular um índice contendo apenas as exportações. O “índice de vantagens comparativas reveladas” (IVCR) é uma forma de medida revelada, sua forma de estimar se baseia nos dados após comércio. Seu propósito é apresentar o desempenho das exportações de um determinado bem de um país, para verificar se este apresenta ou não vantagens comparativas naquele setor (DORNELES; DALAZOANA; SCHLINDWEIN, 2013).

Conforme Alievi (2016) o cálculo do (IVCR) se dá através de:

$$IVCR_{ab} = ( X_{ab} / X_b ) / ( X_{ac} / X_c )$$

Onde:

$X_{ab}$  = Valor das exportações do produto *a* pelo estado *b*;

$X_b$  = Valor das exportações do estado *b*;

$X_{ac}$  = Valor das exportações do produto *a* pelo estado *c*;

$X_c$  = Valor total das exportações do estado *c*.

Para Alievi (2016) IVCRS Índice de vantagem comparativa revelada simétrico apresenta uma análise mais correta quando tratamos de comparações. Este índice foi criado por Laursen (1998), levando em conta uma restrição que o método de Balassa apresenta. Laursen diz que o IVCR não expõe dados estatísticas confiáveis quando utilizado em análises econométricas, devendo ser, portanto, normalizado. O IVCRS se apresenta da seguinte forma:

$$IVCRS_{ab} = ( IVCR_{ab} - 1 ) / ( IVCR_{ab} + 1 )$$

As resoluções deste índice situam-se entre -1 e +1. “A desvantagem comparativa revelada é comprovada quando  $-1 < IVCRS < 0$  e a vantagem comparativa revelada quando  $0 < IVCRS < 1$ ”. O IVCR e o IVCRS são índices particulares e não absolutos, não podem ser classificados como de competitividade internacional ou

qualquer outra classificação que indique performance uma vez que a performance deve levar em conta as externalidades a exportação, mas sim de especialização internacional (ALIEVI, 2016).

## 2.6 BARREIRAS E TARIFAS

Segundo a teoria de Vantagens comparativas no livre comercio os recursos são maximizados. O livre comércio pode aumentar o bem-estar mundial e também os benefícios das nações participantes. Porém as políticas de livre comércio têm grande objeção de empresas e trabalhadores pela perda de empregos, renda ou até mesmo fatias de exportações. Estes motivos fazem com que muitos mercados incluam restrições nas relações comerciais são exemplos de restrições as tarifas, cotas de importação e subsídios (CARBAUGH, 2004).

### 2.6.1 Tarifas

Tarifa é uma espécie de imposto adicionado ao valor de importação de um determinado produto e podem ser subdivididas conforme a imagem abaixo:

Figura 6: Modalidades de Tarifas

<b>Ad valorem</b>	Cobrança de um percentual (%) sobre o valor da mercadoria. Por exemplo, 10% sobre o preço do produto importado
<b>Específica<sup>3</sup></b>	Cobrança de um valor em unidade monetária sobre a mercadoria importada. Por exemplo, R\$ 10,00 sobre o preço do produto importado
<b>Mista</b>	Cobrada quando o esquema é tanto <i>ad valorem</i> como <i>específico</i> . Por exemplo, 10% mais R\$ 10,00 sobre o produto importado

Fonte: Carmo e Mariano (2016)

Para Carbaugh (2004) modelos de tarifas têm algumas aplicações distintas e são utilizadas conforme alguns produtos. As tarifas especificas tem fácil administração e são utilizadas geralmente em commodities padronizadas onde os valores não são facilmente tributáveis. As tarifas Ad Valorem são aplicadas com maior frequência em produtos manufaturados, pois podem ser empregadas em bem com ampla gama de variação.

Tarifas mistas são usadas na maioria das vezes em produtos manufaturados que possuem em sua composição matérias primas com parcelas de impostos específicos, este tipo de tributação acaba neutralizando as desigualdades nos custos de determinados bens, resultando assim em uma proteção tarifaria para os fornecedores internos (CARBAUGH, 2004).

As tarifas podem ser classificadas ainda como nominal e efetiva, uma tarifa nominal é aquela usada por um determinado país que propicia uma idéia geral do grau de proteção concedido ao setor local. Não é sempre que esta tarifa irá apontar verdadeiramente o nível real de proteção concedido ao setor local (CARBAUGH, 2004).

A tarifa efetiva é o real indicador do nível de proteção que a tarifa nominal assegura aos produtores locais que concorrem com o mercado externo. A tarifa específica revela o quanto mais cara a produção interna do país pode ser quando comparada ao produto proveniente do mercado exterior, concorrente no mercado (CARBAUGH, 2004).

Em relação a exportação de carne bovina in natura para a união europeia era frequente a utilização de tarifas como: A cota Hilton, a GATT e a A&B. A cota Hilton, de cinco mil toneladas imposta ao Brasil, era caracterizada como a incidência de um imposto de importação ad valorem de aproximadamente 20% sobre o valor de custo mais frete, e as cotas GATT e A&B se baseavam em uma tarifa ad valorem de aproximadamente 12,8% sobre o valor de custo mais frete e mais uma tarifa fixa de 3.040 euros por tonelada exportada (RUBIN, ILHA, WAQUIL, 2008).

### **2.6.2 Barreiras não tarifárias**

Existem outros meios de restrição junto ao comércio internacional além das tarifas, um método muito usado entre os países são as barreiras comerciais não tarifárias. Elas englobam uma diversidade de determinações, desde tipo de embalagens, reconhecimento por etiqueta, ou até mesmo quantidades controladas (CARBAUGH, 2004).

Entre estas barreiras a mais comum e com maior utilização é “as cotas de importação”. São conhecidas como ações protecionistas, com intuito de controlar o livre comércio, limitando a quantidade lícita de importação para um determinado bem,



assim como as tarifas sua função é proteger o mercado interno (CARMO e MARIANO, 2016).

Estas cotas geralmente não produzem receita direta ao governo, elas procuram controlar a quantidade importada, limitando assim a oferta do produto. Conseqüentemente esta restrição de oferta acarretará em uma variação positiva no preço do produto fazendo com que o produto nacional se torne mais desejado pelos consumidores locais. Este modelo de restrição é proibido para bens manufaturados, e tem sido mais utilizado pelos países em produtos de origem agrícola (CARMO e MARIANO, 2016).

Um dos grandes problemas das exportações da carne bovina brasileira está na imposição de barreiras não-tarifárias aos produtos in natura junto aos mercados internacionais. As exportações brasileiras de carne in natura, mostram que os maiores importadores mundiais de carne bovina (Japão, EUA, Canadá, China, UE-15 e Rússia) adotam políticas sanitárias restritivas às exportações brasileiras, sendo que a UE e a Rússia, embora adotem exigências sanitárias rigorosas, são as mais tolerantes se comparadas a outros, exceto quanto existência de embargos imediatos, na ocorrência de indícios de focos de febre aftosa e a imposição de cotas de exportação (RUBIN, ILHA , WAQUIL, 2008).

### **2.6.3 Subsídios**

Os subsídios podem ser classificados como toda transferência de recursos financeiros efetuada pelo Estado ao produtor ou segmento empresarial. Seu propósito é oferecer as empresas privadas uma vantagem monetária para o desenvolvimento de determinadas áreas estratégicas ou simplesmente para a assistência da atividade industrial. Pode-se, até, no caso do comércio exterior, caracterizar o subsídio como compensação direta ou indireta aos produtores, efetuado pelo governo, com intuito de incentivar as exportações ou diminuir as importações (CARMO e MARIANO, 2016).

Desta maneira os subsídios concebem uma proteção de maneira indireta aos produtores e empresas domésticas. Ao conceber uma vantagem de custo aos produtores, estes podem vender seus produtos a um preço mais acessível, do que se fossem ter que praticar para obterem lucros em situações reais. O governo que deseja fomentar o crescimento de determinado setor interno concede a este setor subsídios

incentivando assim sua produção a custos menores e fazendo com que o produto interno se torne mais demandado quando comparado ao importado (CARBAUGH, 2004).

## 2.7 O PROGRESSO TÉCNICO NA ATIVIDADE PECUÁRIA

Segundo Prado JR (2010) foram os sertões nordestinos que formaram as áreas mais extensas e antigas, as fazendas de gado eram formadas em média por três léguas de terra ao longo de rios ou fontes de água. As apropriações de terras e criações de animais eram rudimentares sem tabulações, silagem ou qualquer processo intensivo, os funcionários eram um ou dois peões e alguns auxiliares. Os cuidados com os rebanhos eram muito pequenos, algumas curativos e proteção contra animais selvagens, o leite servia apenas para abastecimento da fazenda, mesmo assim a pecuária tinha uma “natureza expansionista”.

Para Lemos (2006) esta “natureza expansionista” pode ser vista nos aumentos do rebanho, e nos crescentes do consumo de carne, e expansões da indústria leiteira, a atividade teve uma crescente expansão em sua base como na industrialização e processamento de produtos. Porém a criação dos animais ainda era deficitária, com baixos níveis de produção e com extensas áreas de ocupação. Foi então que na década de 30 surgiram as primeiras pesquisas sobre espécies forrageiras, melhorias na nutrição, implementação de novas raças, contribuíram para expansão da pecuária no Brasil. Porém somente em 1950 foram feitos estudos e testes experimentais acerca do emprego racional de pastagens, promovendo desta forma o “desenvolvimento e aplicação de tecnologias para nutrição animal”.

Conforme Pires (2017) por meio destas ações em análise, pesquisa, novos métodos e técnicas tem influência direta na eficácia da produção de carnes. Relacionadas a manejo, bem-estar, nutrição, e sanidade, visando o mercado internacional, que se tornou mais exigente com relação aos produtos, buscando “confiabilidade, qualidade e segurança”.

O governo militar brasileiro praticou uma sucessão de planos e políticas para a melhoria e inovação da agropecuária do país, o qual foi nomeada de revolução verde, que se deu através do incremento de tecnologias importantes, com base em equipamentos, insumos, técnicas e genéticas intensificadas. Fora transformada as

fronteiras agrícolas, implementados novas concepções de vida, associadas as políticas expansionistas relacionadas a apropriação e povoamento do Brasil central que sofria com um “vazio demográfico”. A inserção de suplementações, novos manejos, e forrageiras de qualidade, e principalmente genética, foram responsáveis por promover melhoras no rebanho brasileiro (LEMOS, 2006).

Em consequência das medidas do governo, e de programas de fiscalização, vacinação contra doenças como febre aftosa e brucelose, controle e monitoramento do rebanho a carne bovina brasileira ganha espaço no mercado externo. Em contrapartida a interação entre frigorífico e produtor aumenta, e torna-se uma estratégia para manter a qualidade no setor (PIRES, 2017).

Um exemplo de interação e empregabilidade de tecnologia é o procedimento de criação pró confinamento de bovinos em mangueiras ou cercados, neste processo os animais são alimentados por rações balanceadas. Tendo assim um aumento de peso em menor tempo, “maior qualidade e uniformidade de carcaça”, tendo ganhos de produtividade e podendo se produzir carne com qualidade em períodos de entre safras onde as pastagens de forrageiras perdem sua qualidade nutricional (PIRES, 2017).

### 3 METODOLOGIA

Este estudo, com relação aos objetivos, constitui-se de uma pesquisa exploratória descritiva pois visou explorar e descrever dados históricos da cadeia produtiva da carne bovina com ênfase em sua importância econômica no Estado do Rio Grande do Sul. Para Gil (2005, p. 35) as “pesquisas exploratórias são aquelas que têm por objetivo explicar e proporcionar maior entendimento do problema da pesquisa. Nesse tipo de pesquisa, o pesquisador procura um maior conhecimento sobre o tema em estudo”. Ainda de acordo com o mesmo autor, a pesquisa exploratória corresponde à primeira etapa de uma investigação científica e contribui para delimitar um problema passível de investigação por meio de procedimentos sistematizados.

Um estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade ou de determinado caso de estudo com a intenção de conhecer determinado assunto, como suas características, valores e problemas a ele relacionado, ou seja, as pesquisas descritivas têm como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis (GIL, 2005, p. 96).

Com relação aos métodos de investigação a pesquisa é comparativa, uma vez que comparara os dados sobre a produção e exportação de carne bovina nos anos de 2012 a 2016 e seus impactos econômicos para o setor. Para Marconi e Lakatos (2001) o método comparativo é usado para fazer comparações entre grupos e dados tanto do presente como do passado, ele permite analisar os dados concretos deduzidos de elementos abstratos e gerais, “constitui a experimentação indireta”.

Ainda em relação aos métodos, a pesquisa também utiliza o método histórico, uma vez que foram analisados dados do período colonial brasileiro e o início da atividade pecuária no estado do Rio Grande do Sul, assim como o período das charqueadas, verificando a intervenção que os mesmos tiveram ou tem sobre as sociedades atuais, analisa qual o motivo que estas “instituições” chegaram ao seu formato atual, por meio de mudanças ao longo do tempo, induzidas pelo “contexto cultural de cada época” (MARCONI e LAKATOS, 2001).

Quanto as técnicas de pesquisa, está classificada como bibliográfica e documental. Bibliográfica, pois se fez necessária uma análise bibliográfica sobre as vantagens comparativas da carne bovina tendo ênfase em sua importância econômica. Segundo Marconi e Lakatos (2001), a pesquisa bibliográfica aborda o

levantamento de bibliografias já publicadas em livros, revistas e artigos de cunho científico, e tem como uma de suas finalidades fazer com que o pesquisador entre em contato direto com o conteúdo que foi escrito sobre aquele determinado assunto. Objetiva transferir ao pesquisador um reforço na análise de suas pesquisas ou no manuseio correto das informações obtidas.

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, etc. [...] e sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...] (MARCONI e LAKATOS, 2001, p.183).

A pesquisa foi caracterizada como documental, pois para a coleta de dados foi necessário buscar informações em documentos que ainda não receberam tratamento, oriundas de fontes primárias. Para Gil (2005), a pesquisa documental é muito parecida com a pesquisa bibliográfica, porém, a diferença está na natureza das fontes, pois esta forma utiliza materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa. Além de analisar os documentos de “primeira mão” (documentos de arquivos, cooperativas, sindicatos, instituições etc.), existem também aqueles que já foram processados, mas podem receber outras interpretações, como relatórios de empresas, tabelas.

Desta forma, este trabalho utilizou dados da FEE, IBGE, ALICE Web, MDIC, artigos científicos, livros e periódicos. Para a análise destes dados, foi utilizado como instrumento o *Software Microsoft Excel* para elaboração dos cálculos e também, para o desenvolvimento das tabelas e gráficos que foram apresentados para melhor entendimento dos resultados. Nesta pesquisa, pode-se verificar a evolução da produção e das exportações de carne bovina do país, nos anos de 2012 a 2016.

Para analisar as vantagens comparativas do estado foi utilizado o índice de vantagem comparativa revelada simétrico IVCR e IVCRS. Escolheu-se os índices IVCR e IVCRS porque eles permitem identificar a importância da carne bovina para a economia do estado do RS em relação às exportações estaduais e brasileiras, em função de que a assimetria dos resultados, varia entre -1 e 0 (desvantagem) e entre 0 e 1 (vantagem).

Em suma os objetivos do presente estudo foram cumpridos a partir da utilização dos métodos acima descritos. Contudo, houveram limitações das informações pretendeu-se a partir da coleta dos dados secundários, indicar conclusões elucidativas do período analisado.

## 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo são apresentadas as análises dos dados produzidos referente à importância da carne bovina para o estado do RS, bem como, as correlações entre a produção e a exportação da carne bovina gaúcha e do país, assim como as vantagens comparativas reveladas ou IVCR da carne bovina gaúcha em relação aos mercados produtores nacionais, buscou-se ao longo das informações a seguir cumprir os objetivos desta pesquisa.

### 4.1 VARIAÇÃO DA PRODUÇÃO E DAS EXPORTAÇÕES DE CARNE BOVINA DE 2012 A 2016 E SEUS IMPACTOS ECONÔMICOS

O Brasil é o terceiro maior país exportador de produtos de origem agrícola e pecuária do mundo, sendo que no ano de 2015 as receitas geradas pelos produtos agrícolas totalizaram aproximadamente 466 bilhões de reais. Deste total aproximadamente 274 bilhões são de origem agrícola, e 192 bilhões tem origem na pecuária Conab (2016). Na produção de carne bovina, o Brasil fica atrás apenas dos EUA (figura 7).

Figura 7: Carne Bovina Produção em Milhões de Toneladas

CARNE BOVINA PRODUÇÃO EM MILHÕES DE TONELADAS						
Pais / bloco	2012	2013	2014	2015	2016	Var. Med
EUA	9.478	9.401	8.860	8.654	9.206	-1%
BRASIL	7.446	7.740	7.778	7.540	7.427	0%
U.E.	6.166	5.910	5.954	6.147	6.304	2%
CHINA	5.298	5.384	5.512	5.360	5.600	6%
INDIA	2.793	3.040	3.280	3.280	3.360	19%
ARGENTINA	2.096	2.280	2.160	2.176	2.120	2%
AUSTRALIA	1.722	1.887	2.076	2.038	1.700	1%

Fonte: Adaptado de USDA, MAPA, ABIEC, FAO (2016).

A produção Brasileira nos últimos 6 anos se manteve constante com uma variação quase nula entre os anos. Com um leve crescimento de 2012 a 2014 e uma pequena diminuição nos anos de 2015 e 2016. Sendo o provável motivo desta diminuição, a ascensão positiva do preço médio da soja neste período, que variou de R\$ 50,00 a até R\$ 80,00 fazendo assim com que a pecuária perdesse espaço para a

agricultura e diminuíssem as áreas de pastagem e conseqüentemente, obteve-se aumentos nas áreas de lavoura.

Essa pequena queda está associada a crise econômica e política enfrentada pelo país nos últimos anos, o que ocasionou aceleração no dólar, aumento do desemprego e diminuição da renda dos consumidores. Como a carne é um bem que possui substitutos diretos e seu consumo tem ligação direta com a renda dos consumidores, uma diminuição na renda das famílias acaba por gerar uma redução no consumo de carne.

Com a queda na produção de carne bovina neste período, a lei da oferta e demanda atuou sobre os preços médios da carne, com a diminuição da oferta, a carne bovina atingiu um preço recorde no mercado internacional no ano de 2015 (FARMNEWS, 2016). Na figura 7 observa-se que a produção brasileira de carne bovina se manteve estável ao longo do período, uma vez que a variação acumulada de 2012 a 2016 foi nula. Os EUA tiveram uma diminuição na sua produção de carne bovina dentro do período analisado, visto que o resultado de sua variação acumulada foi de -1% representando assim uma diminuição na sua produção, a qual no ano de 2012 era de aproximadamente 9,4 mil toneladas e ao final de 2016 diminuiu para cerca de 9,2 mil toneladas.

A China apresentou o segundo maior crescimento médio na produção de carne bovina dentro do período analisado, com uma variação média com cerca de 6% no período elevou sua produção de 5,2 mil toneladas para 5,6 mil toneladas. O país que mais chama atenção pelo seu crescimento em um curto espaço de tempo, obtendo o maior crescimento médio na produção de carne bovina dentro do período analisado foi a Índia, cerca de 19% de crescimento médio, passando de 2,7 mil toneladas, para 3,3 mil toneladas de carne bovina produzida no período de 2012 a 2016.

#### **4.1.1 A exportação brasileira**

O Brasil é um dos maiores exportadores de carne bovina no mundo, exporta em média cerca de 14% a 18% de toda sua produção. Uma vez que a carne bovina é responsável por aproximadamente 13% do montante do PIB agropecuário, nos últimos 6 anos. As exportações brasileiras variaram em torno de 1,2 mil a 1,5 mil toneladas de carne figura 8.

Figura 8: Carne bovina exportação em Mil/Ton nos anos de 2012 a 2016

<b>Carne Bovina exportação total em mil toneladas por país de 2012 a 2016</b>						
<b>Ano</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>	<b>2016</b>	<b>Total</b>
<b>Brasil</b>	1.243	1.505	1.546	1.362	1.401	7.057
<b>Índia</b>	1.151	1.531	1.686	1.443	1.455	7.266
<b>Austrália</b>	1.148	1.297	1.499	1.481	1.221	6.645
<b>EUA</b>	907	956	945	821	956	4.585
<b>Uruguai</b>	294	277	283	298	347	1.499
<b>Argentina</b>	134	151	160	149	178	771
<b>Total</b>	<b>6.888</b>	<b>7.729</b>	<b>8.133</b>	<b>7.568</b>	<b>7.575</b>	<b>27.824</b>

Fonte: Dados Adaptados de MAPA, ABIEC, FAO, ALICE WEB (2016).

O Brasil vem enfrentando forte concorrência de países de outros continentes como Índia e Austrália, considerando os anos anteriores são o segundo e terceiro maiores exportadores de carne mundiais. Índia e Austrália chegaram a ultrapassar o Brasil em alguns momentos no cenário mundial de exportações, em função de embargos à carne bovina brasileira, diminuições na produção brasileira entre outros fatores, a Índia no acumulado de exportações de 2012 a 2016 exportou 7,2 mil toneladas de carne contra 7,1 mil toneladas brasileiras.

Na América do Norte, os EUA é o principal concorrente brasileiro nas exportações de carne, em 2016 era considerado o quarto maior exportador mundial de carne bovina e também o maior produtor mundial. Na América do Sul Uruguai, Paraguai e Argentina são os principais concorrentes brasileiros no mercado de exportação da carne, embora seus números pareçam inexpressivos, os dois países somados são responsáveis por cerca de 8% do total das exportações mundiais.

Figura 9: Variação do volume de exportações de carne bovina no período de 2012 a 2016.

<b>Variação do volume de exportações de Carne bovina no período de 2012 a 2016</b>					
<b>Ano</b>	<b>Var. 13/12</b>	<b>Var. 14/13</b>	<b>Var. 15/14</b>	<b>Var. 16/15</b>	<b>Var. /Média</b>
<b>Brasil</b>	17%	3%	-14%	3%	<b>2%</b>
<b>Índia</b>	25%	9%	-17%	1%	<b>5%</b>
<b>Austrália</b>	11%	14%	-1%	-21%	<b>1%</b>
<b>EUA</b>	5%	-1%	-15%	14%	<b>1%</b>
<b>Uruguai</b>	-6%	2%	5%	14%	<b>4%</b>
<b>Argentina</b>	12%	5%	-7%	17%	<b>7%</b>

Fonte: Elaborado pelo autor através de dados de MAPA, ABIEC, FAO, ALICE WEB (2016).

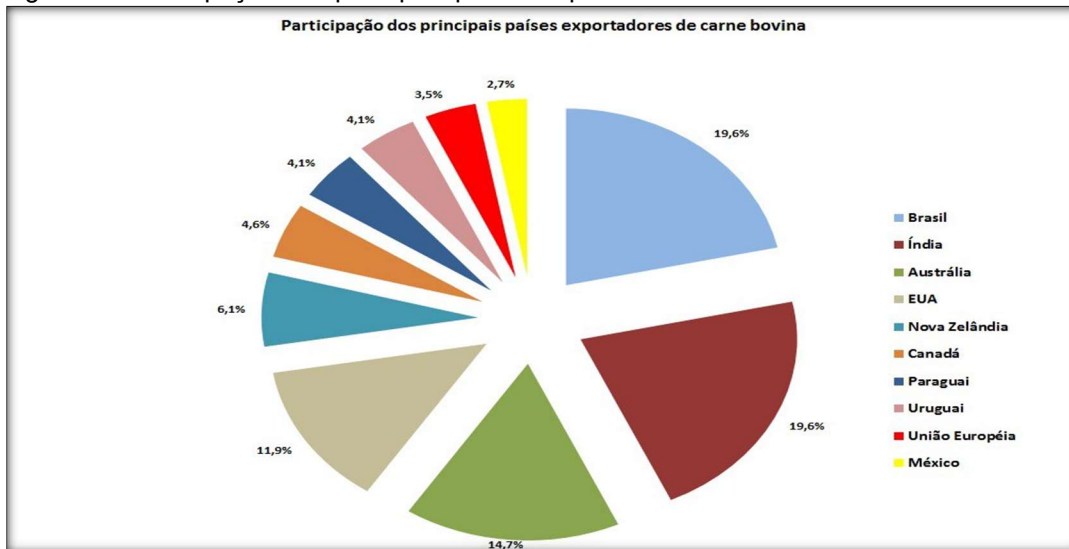


Na figura 9 tem-se a variação nas exportações de carne dos países exportadores de carne ao longo do período de 2012 a 2016. Todos os países tiveram variações significativas em suas quantidades exportadas, tanto positivamente quanto negativamente. Em relação ao comparativo dos anos de 2013/2012, a Índia com aproximadamente 25% de aumento na quantidade exportada foi o país com a maior variação, seguido do Brasil com 17%, Argentina com aproximadamente 12% e Austrália com aproximadamente 11% de variação positiva no volume de carne exportado.

No comparativo entre 2014/2013 as variações, onde EUA tiveram uma diminuição de 1% no volume de carne exportado, e o maior aumento foi da Austrália, aproximadamente 14% a mais de quantidade de carne exportada, quando comparado ao ano anterior. Já no comparativo de 2015/2014 todos os países tiveram uma diminuição no volume de carne exportado no Brasil uma parte desta diminuição se deu pelo fato da Arábia Saudita não comprar nenhum kg de carne bovina brasileira.

O comparativo de 2016/2015 teve um aumento nas exportações de quase todos os países, menos da Austrália que registrou uma queda de 21% no volume exportado. No Brasil o aumento de 3% não superou a perda de aproximadamente 14% do ano anterior, isso se deu pelo fato da desvalorização dos preços em dólar, tornando assim as vendas ao exterior menos atrativas ao agronegócio. Na variação média dos 5 países durante o período, todos apresentaram variação positiva no volume exportado. O país com o maior crescimento médio foi a Argentina com cerca de 7% de variação média, porém o volume de carne argentina exportado é muito pequeno, se comparado ao Brasil, Índia e Austrália, que são os três maiores exportadores mundiais de carne bovina. O percentual de participação de cada país está demonstrado na figura 10.

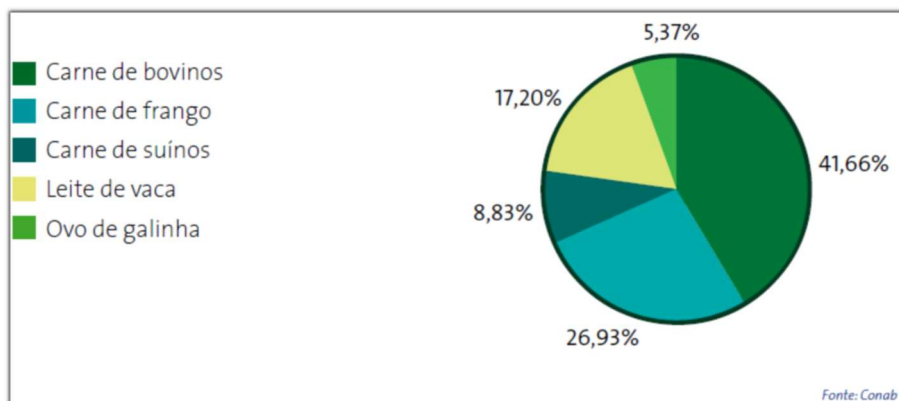
Figura 10: Participação dos principais países exportadores de carne bovina 2015



Fonte: Conab (2016).

O Brasil e a Índia dividem o título de maiores exportadores de carne no ano de 2015, com 19,6 % do mercado de exportações, seguidos de Austrália e EUA conforme pode-se evidenciar na figura 10. Porém, por trás deste cenário pode-se comprovar que o Brasil é muito mais produtivo do que a Índia, uma vez que aproximadamente 70% dos indianos não consomem carne bovina, em respeito a sua religião. Ou seja, a Índia exporta quase toda a carne que produz, porém, o consumo de carne no país vem apresentando crescimento. No Brasil o cenário se inverte, a população brasileira consome em média 35,2kg de carne bovina per/capita ano, sendo que basicamente 80% de toda produção de carne bovina brasileira é usada para abastecer o mercado interno.

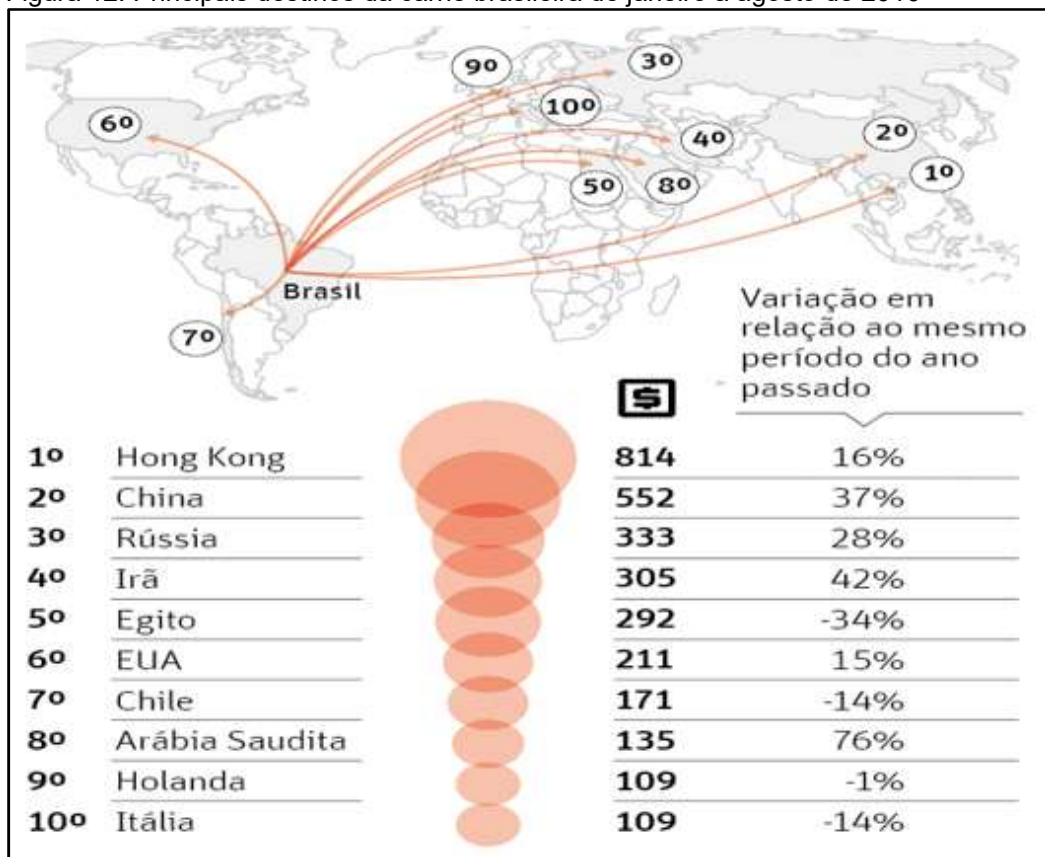
Figura 11: Participação da receita bruta dos produtos pecuários no total da produção pecuária de 2015



Fonte: Adaptado de Conab (2016)

No Brasil, segundo a Conab (2016) a carne bovina é o principal produto de exportação da pecuária, uma vez que ela é responsável por aproximadamente 41,66% da renda gerada no setor (figura 11). A carne também é o segundo maior agente gerador de renda agrícola do país, pois segundo a Conab (2016) no ano safra de 2015, a carne bovina gerou aproximadamente R\$ 80 milhões de reais de renda para os pecuaristas brasileiros, ficando atrás apenas da soja, a qual gerou cerca de R\$ 94,3 milhões de reais aos produtores agrícolas. No último ano o Brasil exportou cerca de 1.856 toneladas de carne. A figura 12 mostra os principais destinos da carne brasileira.

Figura 12: Principais destinos da carne brasileira de janeiro a agosto de 2016



Fonte: ABIEC (2016)

O principal destino da carne brasileira no ano de 2016 foram os países asiáticos, Hong Kong e China eram os principais compradores da carne produzida no Brasil, seguidos de Rússia, Irã e Egito. Historicamente Hong Kong sempre foi o maior importador da carne brasileira, a China até o final de 2015 não era um importador de expressão para a carne bovina brasileira. Porém, em 2016 a então presidente Dilma Rousseff, assinou um acordo comercial com o primeiro ministro chinês, que terminou

com o embargo imposto pela China sobre a carne bovina brasileira, a China apresentou uma variação positiva de 37% em relação ao ano anterior.

Para Alievi (2016) após este período a China aumentou a importação de carne bovina do Brasil, minimizando assim as consequências dos embargos comerciais impostos por países como Rússia e Arábia Saudita. Depois do acordo Hong Kong diminuiu o volume de exportações da carne do RS uma vez que agora a China comprava carne diretamente do Brasil.

Outro importante parceiro comercial brasileiro é o EUA, o mesmo é o maior importador de carne industrializada. Em julho de 2016 foi liberado o comércio de carne in natura junto aos EUA, habilitando assim 14 frigoríficos de vários estados, inclusive do RS que podem comercializar e exportar carne ao país. O Irã também apresentou um crescimento significativo de cerca 42% em relação ao ano anterior.

#### 4.2 A IMPORTÂNCIA DA CARNE BOVINA PARA O DESENVOLVIMENTO DA ECONOMIA NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Historicamente o estado do Rio Grande do Sul teve seu desenvolvimento ligado a pecuária de corte, sendo que a economia gaúcha se desenvolveu através de fortes ligações com o setor. No final do século XVIII o couro e a carne bovina foram considerados os principais produtos de exportação gaúcha, estes produtos foram os pioneiros no desenvolvimento da economia do estado (LEÃES, 2015).

Após se desenvolver a indústria do couro e do charque no período conhecido como charqueadas. O RS era responsável por abastecer o Sudeste e o Nordeste brasileiro além de alguns países da América Central, por meados de 1797 o RS era responsável por exportar cerca de 13 mil arrobas de Charque. Com o passar do tempo os abates passaram a ser industriais em frigoríficos de grande porte. A pecuária passou a criar emprego, renda e visar os mercados internacionais (SOUZA, 2008).

O estado do RS até os dias atuais, tem ligação com a produção de carne bovina do país. O IBGE (2016) destacou que em 2015 o estado era possuidor de um rebanho de 13.737.316 bovinos. Também no segundo trimestre de 2016, período que o estado ocupou a oitava posição no ranking nacional de abate de bovinos, quando o Brasil abateu 7,63 milhões de cabeças bovinas naquele ano (ALIEVI, 2016). A seguir na figura 13 pode-se ver o efetivo do rebanho bovino brasileiro, subdividido por sua

grande região da federação, nos últimos 5 anos.

Figura 13: Efetivo dos rebanhos bovinos do Brasil pela grande região da Federação de 2012 a 2016

Efetivo do rebanho bovino brasileiro por grande região da Federação de 2012 à 2016						
Grande Região	Ano					% Part. Região
	2012	2013	2014	2015	2016	
Centro Oeste	72.385.029	71.124.329	71.234.141	72.705.736	75.072.762	34%
<b>Sul</b>	<b>27.627.551</b>	<b>27.634.241</b>	<b>27.424.461</b>	<b>27.434.523</b>	<b>27.577.786</b>	<b>13%</b>
Sudeste	39.206.257	39.341.429	38.530.737	38.812.076	39.123.700	18%
Nordeste	28.244.899	28.958.676	29.350.651	29.092.184	28.467.739	13%
Norte	43.815.346	44.705.617	45.826.142	47.175.989	47.983.190	21%
<b>Brasil Total</b>	<b>211.279.082</b>	<b>211.764.292</b>	<b>212.366.132</b>	<b>215.220.508</b>	<b>218.225.177</b>	<b>100%</b>

Fonte: Adaptado do IBGE - Pesquisa da Pecuária Municipal (2016)

A figura 13 apresenta o efetivo do rebanho bovino brasileiro, onde pode-se observar que a região Sul do país, composta pelos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná é responsável por cerca de 13% do rebanho bovino nacional no período de 2012 a 2016, com cerca de 27,6 milhões de bovinos. O centro oeste do país, composto pelos estados de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, e pelo Distrito Federal é onde se encontra alocado o maior número de bovinos, com aproximadamente 75 milhões de cabeças, o que corresponde a 34% de todo o rebanho bovino brasileiro cadastrado junto ao departamento de defesa agropecuário.

O Estado do Rio Grande do Sul é responsável por cerca de 50% do efetivo do rebanho bovino da região Sul do país. O que corresponde a praticamente 6,23% de todo o rebanho bovino brasileiro, conforme demonstra a figura 14, onde pode-se identificar o efetivo do rebanho gaúcho por sua mesoregião e microrregião.

Figura 14: Efetivo de rebanho por tipo de Mesoregião e Microrregião

Tabela 3939 - Efetivo dos rebanhos, por tipo de rebanho e Mesoregião e Microregião ano 2016				
Brasil	218.225.177	Participação por Mesoregião	Mesoregião relação ao Brasil	RS / Brasil
Rio Grande do Sul	13.590.282			
<b>Noroeste Rio-grandense</b>	2.699.129	<b>19,86%</b>	<b>1,24%</b>	<b>6,23%</b>
Nordeste Rio-grandense	935.203	6,88%	0,43%	
Centro Ocidental Rio-grandense	1.566.401	11,53%	0,72%	
Centro Oriental Rio-grandense	741.396	5,46%	0,34%	
Metropolitana de Porto Alegre	1.038.927	7,64%	0,48%	
Sudoeste Rio-grandense	4.537.972	<b>33,39%</b>	2,08%	
Sudeste Rio-grandense	2.071.254	15,24%	0,95%	

Fonte: IBGE - Pesquisa da Pecuária Municipal (2016)

O RS é composto por basicamente 14 microregiões, as quais somadas são responsáveis por um rebanho bovino com cerca de 13,6 milhões de cabeças. A região que possui o maior efetivo de cabeças é a região sudoeste do estado, a qual é responsável por acondicionar cerca 4,5 milhões de cabeças, correspondentes a 33% de todo o rebanho bovino gaúcho. O noroeste do estado é responsável por 19,86% do rebanho gaúcho, um total de aproximadamente 2,7 milhões de cabeças. Segundo o IBGE (2016) a região do grande Santa Rosa é a 4ª região do Noroeste em quantidade de cabeças de gado.

Estima-se que grande parte do rebanho bovino desta região seja destinado a produção leiteira. Conforme a figura 15 pode-se ver a quantidade de bovinos levados ao abate por COREDE do Estado do RS.

Figura 15: Rio Grande do Sul: Variação semestral no número de bovinos guiados para abate segundo a região de origem

CÓDIGO COREDES	COREDES	Bovinos guiados para abate			
		1º Semestre 2016	1º Semestre 2017	Variação absoluta	Variação relativa (%)
1	Alto Jacuí	12.552	12.907	355	2,8
2	Campanha	94.645	104.837	10.192	10,8
3	Central	28.767	30.191	1.424	5,0
4	Centro Sul	15.409	15.321	-88	-0,6
5	Fronteira Noroeste	23.404	19.864	-3.540	-15,1
6	Fronteira Oeste	235.551	249.440	13.889	5,9
7	Hortênsias	14.204	15.690	1.486	10,5
8	Litoral	12.049	13.345	1.296	10,8
9	Médio Alto Uruguai	12.642	12.058	-584	-4,6
10	Missões	38.914	44.124	5.210	13,4
11	Nordeste	22.567	22.572	5	0,0
12	Noroeste Colonial	11.021	12.055	1.034	9,4
13	Norte	22.802	19.538	-3.264	-14,3
14	Paranhana Encosta da Serra	5.453	5.645	192	3,5
15	Produção	19.989	17.844	-2.145	-10,7
16	Serra	30.581	29.164	-1.417	-4,6
17	Sul	100.094	104.726	4.632	4,6
18	Vale do Caí	10.777	11.882	1.105	10,3
19	Vale do Rio dos Sinos	7.203	7.709	506	7,0
20	Vale do Rio Pardo	26.657	27.021	364	1,4
21	Vale do Taquari	24.357	21.177	-3.180	-13,1
22	Metropolitano Delta do Jacuí	28.246	28.757	511	1,8
23	Alto da Serra do Botucaraí	17.479	16.226	-1.253	-7,2
24	Jacui Centro	23.936	26.122	2.186	9,1
25	Campos de Cima da Serra	27.624	28.174	550	2,0
26	Rio da Várzea	12.792	12.741	-51	-0,4
27	Vale do Jaguarí	41.643	44.690	3.047	7,3
28	Celeiro	13.058	10.914	-2.144	-16,4
<b>TOTAL</b>		<b>934.416</b>	<b>964.734</b>	<b>30.318</b>	<b>3,2</b>

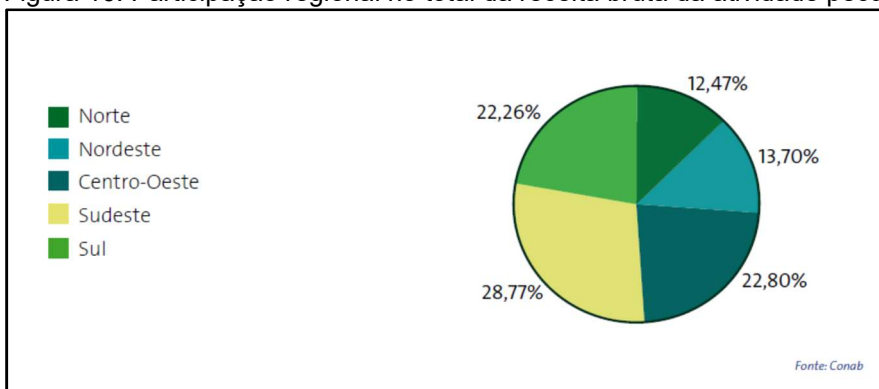
FONTE: Departamento de defesa agropecuária da secretária Estadual da agricultura pecuária e irrigação do Rio Grande do Sul (DDA/SEAPI, 2017)

Na figura 15, pode-se perceber que no COREDE Fronteira Noroeste, o qual encontra-se inserida a região noroeste do Estado, tem-se um grande número de bovinos existentes, porém a incidência de animais levados ao abate é relativamente pequena, pelo fato de a região focar sua produção em leite e não em carne.

A região Noroeste é considerada o polo de produção leiteira do Estado. Conforme a Conab (2016) o RS é responsável pela produção de aproximadamente 2,4 bilhões de litros ano, sendo que a região fronteira noroeste é responsável pela produção de quase dois terços do leite gaúcho. No comparativo entre 2016 e 2017 tem-se uma diminuição de 15% na quantidade de animais levados ao abate, pelo fato da região estar focada na produção leiteira, conforme citado pelo IBGE (2016).

Atividades de cunho rural como agricultura e pecuária são importantes geradores de emprego e renda para as famílias que vivem no campo. Assim como, para promover o desenvolvimento econômico do país estado ou região, conforme a figura 16, pode-se ver a participação de cada grande região do país nas receitas geradas pela pecuária.

Figura 16: Participação regional no total da receita bruta da atividade pecuária brasileira em 2015



Fonte: CONAB (2016).

Pode-se perceber que em torno de 22,2% de toda a receita bruta da pecuária brasileira é proveniente da região sul do país no ano de 2015. O RS é responsável por 8,3% de participação na pecuária do país, o que em termos de valores representa R\$ 15.928.875,15 se comparado ao ano anterior, onde a renda dos produtos provenientes da pecuária foi de R\$ 16.028.287,20. O RS registrou uma variação negativa de aproximadamente 0,6% no ano, o que representa praticamente 100 mil reais a menos de renda dos produtores (CONAB, 2016).

A carne bovina é o principal gerador de renda proveniente da pecuária para os produtores gaúchos, sendo que no ano de 2015 a mesma gerou cerca de R\$ 4.266.865,09 de renda bruta aos pecuaristas gaúchos. Sem contar o desenvolvimento indireto que a mesma proporciona no setor pecuário gaúcho uma vez que, gera empregos, intensifica as pesquisas em tecnologia e desenvolvimento genético para melhoramento de rebanhos, gera desenvolvimento de novas indústrias frigoríficas, entre outros benefícios para a economia do estado. O Rio Grande do Sul, possui participação modesta em relação a quantidade exportada de carne bovina no país, como pode-se identificar na figura 17.

Figura 17: Participação do Rio Grande do Sul nas exportações de carne bovina brasileira no período de 2012 à 2016.

Ano	Brasil		Rio Grande do Sul		Participação/RS	
	TON	US\$	TON	US\$	TON	US\$
2012	1.242.491	5.744.134.848	49.090	210.303.578	3,95%	3,66%
2013	1.504.317	6.660.011.367	48.206	203.635.280	3,20%	3,06%
2014	1.545.046	7.148.919.141	55.677	228.566.729	3,60%	3,20%
2015	1.361.395	5.795.100.705	53.316	212.329.805	3,92%	3,66%
2016	1.400.485	5.515.954.505	58.820	214.019.035	4,02%	3,88%

Fonte: Adaptado de MAPA, ABIEC, FAO (2016).

De modo que em 2012 a 2014 o Brasil teve um aumento no volume de carne bovina exportado. No ano de 2012 o Brasil exportava cerca de 1.242.491 toneladas de carne, o que lhe rendia o valor de US\$ 5,7 milhões de dólares na balança comercial, sendo que em 2012 a participação do Rio Grande do Sul no montante de exportações era de 3,95% no total das toneladas destinadas à exportação. Da mesma forma tratando-se de valores, o peso das exportações representa cerca de 3,66% do valor das exportações. Em 2014 o país passou a exportar aproximadamente 1.454.046 de toneladas, o equivalente a aproximadamente 7,2 milhões de dólares de renda proveniente das exportações de carne.

Neste mesmo ano o RS era responsável por 3,60% da quantidade de toneladas exportadas e 3,20% do valor das exportações, o que era equivalente a 49,09 mil toneladas de carne e US\$ 210,3 milhões de dólares. Em 2013 tem-se uma diminuição no percentual de participação do RS tanto em quantidade exportada, como em valores, a partir de 2013 nota-se que o RS tem um aumento na participação das exportações do país, porém nos anos de 2015 e 2016 as exportações tem uma diminuição, se comparadas aos 3 anos anteriores.



A figura 17 demonstra a baixa participação do RS nas exportações de carne bovina. Embora a pecuária tenha sido considerada a principal atividade econômica do Estado do RS durante anos, a participação do Estado nas exportações não é tão significativa assim, para um setor que já fora a principal atividade econômica. As exportações gaúcha e brasileira sofreram variações ao longo dos anos, conforme a figura 18.

Figura 18: Variação em valores nominais das exportações gaúchas e brasileiras no período de 2012 a 2016

<b>Variação em valores nominais das exportações gaúchas e brasileiras no período de 2012 a 2016</b>				
<b>Ano</b>	<b>Brasil</b>		<b>Rio Grande do Sul</b>	
	<i>Var. / ton</i>	<i>Var./US\$</i>	<i>Var. Ton</i>	<i>Var. /US\$</i>
2013/2012	21,07%	15,94%	-1,80%	-3,17%
2014/2013	2,71%	7,34%	15,50%	12,24%
2015/2014	-11,89%	-18,94%	-4,24%	-7,10%
2016/2015	2,87%	-4,82%	10,32%	0,80%
<b>Var./ Méd</b>	<b>3,69%</b>	<b>-0,12%</b>	<b>4,95%</b>	<b>0,69%</b>

Fonte: Desenvolvido pelo autor através de dados MAPA, ABIEC, FAO (2016).

Apesar da carne bovina gaúcha não ter participação significativamente grande nas exportações brasileiras, as variações vêm se mostrando positivas ao longo dos anos. Conforme a figura 18 pode-se identificar as variações comparativas entre os anos. No comparativo de 2012/2013 as exportações brasileiras tiveram um aumento de 21,07% no volume de toneladas exportado e 15,94% na receita em dólares provenientes das exportações, porém no Rio Grande do Sul tem-se uma diminuição de 1,8% no volume de toneladas exportadas e de 3,7% na receita em dólares.

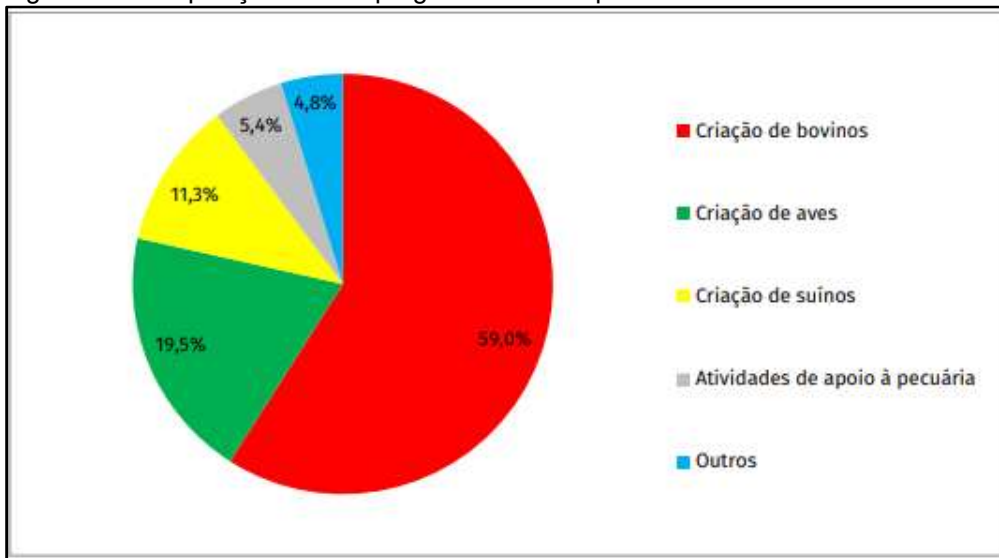
No comparativo entre 2014/2013 a situação se inverte, enquanto o Brasil tem uma variação de 2,71% no volume de toneladas exportado e 7,34% em relação a renda em dólares. O estado do Rio Grande do Sul tem uma variação positiva de 15,5% no volume de toneladas exportado e de aproximadamente 12,24% em relação a renda. No comparativo entre os anos seguintes tem-se uma diminuição do volume exportado e na renda das exportações no cenário brasileiro e gaúcho sendo que o maior impacto foi no cenário brasileiro onde o volume de exportações caiu cerca de 11,8% e cerca de 18,9% em relação a renda das exportações em dólares.

Observando a variação média nominal geral durante o período pode-se notar que o Rio Grande do Sul tem obtido um crescimento nas participações das

exportações brasileiras. Em comparação ao Brasil o Rio Grande do Sul apresenta uma variação positiva de cerca de 4,95% em toneladas de carne e 0,69% em valores. Enquanto a variação brasileira gira em torno de 3,69% em relação a quantidade exportada, e -0,12% em relação a renda das exportações em dólares na média nominal dos últimos 5 anos.

O setor da pecuária é um importante gerador de empregos para o Estado. Conforme a figura 19 pode-se observar como estão compostos os empregos da atividade pecuária.

Figura 19: Composição dos empregos formais da pecuária no RS em 2016



Fonte: Adaptado de FEE (2016).

A agroindústria é importante para a geração de empregos e renda no Estado do Rio Grande do Sul, conforme exposto pela FEE (2016) cerca de 75,1 mil trabalhadores estão ligados diretamente a pecuária. A bovinocultura é o principal segmento empregador, cerca de 59% dos empregos formais existentes, o setor de abate e fabricação de derivados de carne são os setores que mais empregam no segmento. Os setores de curtimento e preparação de couro, assim como os setores de laticínios, são setores de destaque, cada um com aproximadamente 9,3 mil postos de trabalho formais.

### 4.3 VANTAGENS COMPARATIVAS NO SETOR DA PECUÁRIA GAÚCHA EM RELAÇÃO AOS OUTROS ESTADOS BRASILEIROS

Os campos sulinos já foram considerados o berço da pecuária de corte extensivo, uma vez que possuem pasto nativo de altíssima qualidade nutricional, água de boa qualidade, entre outras qualidades. Para verificar as vantagens ou desvantagens comparativas do estado em relação aos outros estados exportadores da carne bovina do país, utilizou-se o cálculo IVCR, chegando aos resultados expostos na figura 20.

Figura 20: Índice de vantagem comparativa revela simétrica do RS em relação aos principais estados exportadores de carne bovina brasileira

ANO	RS/SP	RS/MT	RS/MS	RS/MG	RS/GO	RS/BR
2012	-0,46	-0,7	-0,83	0,04	-0,81	-0,32
2013	-0,65	-0,8	-0,88	-0,23	-0,88	-0,54
2014	-0,54	-0,76	-0,84	-0,11	-0,85	-0,44
2015	-0,48	-0,75	-0,79	-0,2	-0,85	-0,43
2016	-0,47	-0,63	-0,77	-0,18	-0,79	-0,39

Fonte: Adaptado de Alievi (2016).

A figura 20 mostra o Índice de Vantagem Comparativa Revelado do RS em relação aos estados exportadores de carne e também em relação ao Brasil. Pode-se perceber que o RS possui desvantagem comparativa em relação aos estados exportadores de carne como SP, MT, MS, GO e até mesmo, em relação ao Brasil. Essa desvantagem tem como causa principal o sistema de criação e engorda de gado, grande parte do rebanho de outros estados é engordado em confinamentos o que diminui significativamente o tempo necessário para o abate dos animais. No Estado de São Paulo está prática é mais frequente e vem sendo utilizada a mais de uma década.

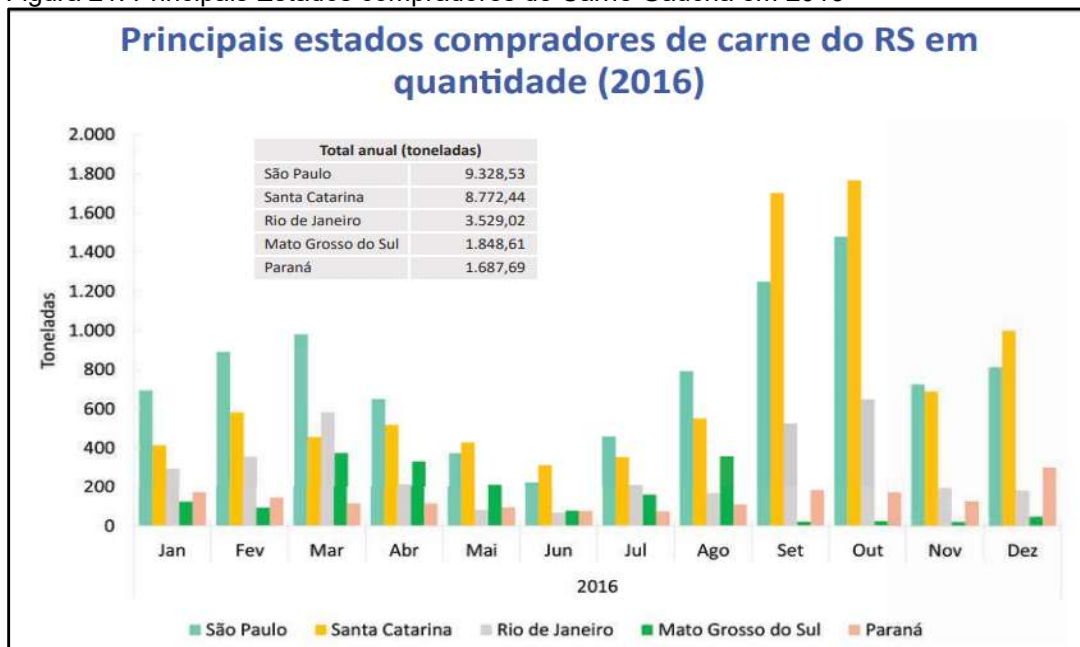
Nota-se, porém, que está desvantagem vem diminuindo a partir de 2014, muito em função de adoção da técnica de confinamento no Estado do RS e também, pelo desenvolvimento tecnológico do setor, o qual vem investindo em melhoramentos genéticos dos animais, em alimentação de melhor qualidade para os rebanhos a fim de diminuir o tempo de engorda e maximizar o ganho de peso e aumentar a produção. A exceção de diminuição fica em relação ao estado de MG, uma vez que no ano de 2012 o Rio Grande do Sul possuía uma vantagem comparativa em relação ao Estado.

No comparativo dos anos de 2012/2013, percebe-se que a carne bovina teve um aumento da desvantagem comparativa com relação a todos os estados analisados

e também, com relação ao Brasil. Esse aumento das desvantagens, muito se deve aos embargos aplicados pela Rússia em meados do ano de 2011. Diante deste embargo, o Rio Grande do Sul ficou impossibilitado de exportar carne para a Rússia, até novembro de 2012.

O resultado evidenciado pela figura 20 reforça o exposto por Alievi (2016), demonstrando que houve uma diminuição do volume exportado de carne pelo RS, a qual está ligada ao aumento do câmbio e a elevação da renda interna. Em consequência a uma redução das exportações e da elevação da renda dos consumidores, ocorreu um aumento do consumo interno de carne. O RS é um dos Estados que mais consome carne no país, a média per capita de carne consumida é de aproximadamente 50 kg por pessoa ao ano, cerca de 14,8 kg maior que a média nacional, a qual gira em torno dos 35,2 kg per capita/ano. Sendo assim, Suné (2013) apud Alievi (2016) afirmam que a cada 10 kg de carne produzidos no estado 8 kg são consumidos internamente, 1,5 kg podem ser vendidos a outros estados, conforme mostra a figura 21. E, estima-se que apenas 0,5 kg sejam comercializados ao exterior explicando assim o baixo nível de participação do estado nas exportações brasileiras.

Figura 21: Principais Estados compradores de Carne Gaúcha em 2016



Fonte: Adaptado de Embrapa

O RS vende para outros estados uma parte de sua produção de carne bovina. Conforme observa-se na figura 21 os principais estados compradores da carne gaúcha, são, São Paulo e Santa Catarina. No ano de 2016 os 5 Estados listados na

figura 19 compraram juntos cerca de 25 mil toneladas de carne bovina do Rio Grande do Sul, sendo que somente SP e SC foram responsáveis pela compra de mais de 18 mil toneladas de carne.

O IVCR é um índice utilizado para medir vantagens quantitativas (que levam em conta quantidade), e não vantagens qualitativas (aquelas que levam em conta a qualidade). O Rio Grande do Sul possui vantagens qualitativas em relação aos outros estados, visto que o clima gaúcho proporciona a criação de animais de raças europeias. Estas raças são conhecidas por produzir carnes extremamente macias, de paladar agradável, em função de produzirem carnes com marmoreio<sup>6</sup> maior que as raças indianas, o marmoreio é responsável por imprimir mais maciez e sabor a carne.

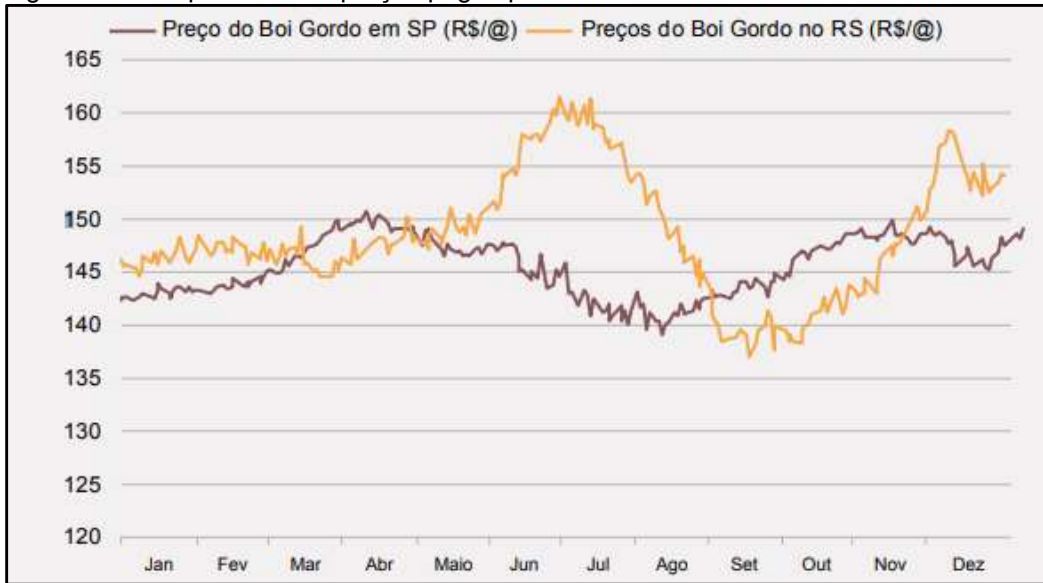
Conforme descrito pela Associação dos Produtores de Carne do Pampa Gaúcho da Campanha Meridional (2015) a carne produzida pelas raças Angus e Hereford, ou do cruzamento entre elas, em criação extensiva de pastejo nas áreas naturais do Pampa Gaúcho é a única produzida no Brasil com Indicação de Procedência (IP). Considerado como um dos ecossistemas mais importantes do mundo, com temperatura média de 18°C, o Pampa oferece alimentação natural de qualidade aos rebanhos, que são rastreados e certificados. O pampa de relevo plano e levemente ondulado, conhecidos como coxilhas, e as várzeas baixas e úmidas povoadas pelas matas ciliares, oferecem mais de 400 espécies de gramíneas e acima de duas centenas de leguminosas para a alimentação do animais.

O mesmo clima que pode propicia aos gaúchos a vantagem de utilização de raças europeias, as quais se adaptam ao frio do inverno e tem desenvolvimento mais rápido que as raças indianas. Pode ocasionar uma desvantagem se comparado a outros Estados, onde a região sul sofre com invernos rigorosos o que faz com que as geadas afetem os pastos e façam com que os animais percam peso neste período. Isto ocasiona uma escassez de animais gordos nesta época do ano, ocasionando assim um aumento nos preços médios da carne no período do inverno, conforme pode-se ver na figura 22.

---

<sup>6</sup> Marmoreio: O marmoreio é o termo usado para definir a acumulação de gordura intramuscular na carne bovina ou suína.

Figura 22: Comparativo dos preços pagos pelo Arroba de Boi em SP e RS no ano de 2015.



Fonte: Adaptado de Embrapa (2016)

A arroba de carne bovina no estado de São Paulo se mantém praticamente estável ao longo do ano. Grande parte do rebanho destinado ao abate é engordado no sistema de confinamento, diminuindo assim o tempo de engorda destes animais. Mesmo assim os animais engordados a pasto não sofrem com invernos rigorosos, e não tem perda de peso ao longo do período, ocasionando assim uma oferta constante ao longo do ano de animais aptos ao abate.

Enquanto no RS, o período de maio a agosto que sofre com a incidência do inverno, diminuindo assim a oferta de gado gordo para o abate e ocasionando um aumento no preço da arroba da carne bovina gaúcha. Este alto índice de variação nos preços acaba enfraquecendo o poder de compra dos consumidores, pois com a escassez de animais aptos ao abate, os preços praticados no mercado se elevam, e com este aumento nos preços, a demanda por carne diminui.

Esta diminuição acaba ocasionando de certa forma uma incerteza aos produtores, uma vez que as variações dos preços da carcaça aumentem os riscos de lucratividade baixa são eminentes. Por exemplo, ao final de junho se os produtores comprarem animais magros para engordar com o preço da arroba de carne em alta, estes animais estão valorizados, suponha-se que os mesmos ficarão aptos ao abate na metade do mês de outubro, onde a oferta de carne é maior e o preço pago ao produtor diminui. O lucro do pecuarista será reduzido, pois o mesmo comprou os animais no período de entre safra onde o valor da carne é maior e os vendeu quando a oferta de carne aumentou e seu preço está mais baixo, diminuindo sua margem de

lucro. Demonstrando assim que a pecuária precisa de uma análise de risco adequada, constante e precisa dos produtores, para os mesmos terem uma maximização de seus lucros e obterem resultados positivos em suas atividades.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho era analisar a situação comercial da atividade da bovinocultura de corte e suas vantagens em relação ao comércio exterior, o qual foi atingido, uma vez que o mesmo demonstrou os cenários da carne bovina e sua importância para a economia do Estado e do país. Analisou-se as variações tanto em produção, como em exportações do Estado e do País e seus impactos econômicos, através do cálculo do IVCR, podendo demonstrar as vantagens e desvantagens comparativas do Estado, junto ao mercado nacional.

Em relação ao comércio internacional de carne bovina, pode-se perceber que o Rio Grande do Sul é pouco participativo nas exportações brasileiras da commodity. Isso fica evidenciado pelo comparativo de participação do Estado nas exportações do país, ao longo do período. Embora a quantidade de carne bovina do RS exportada seja pequena, as exportações possuem grande importância para o Estado, pois geram emprego nas várias etapas da cadeia produtiva e somam aproximadamente US\$ 200 milhões anuais à balança comercial, porém, é necessário vencer alguns obstáculos para que as exportações apresentem resultados mais satisfatórios, como superar as barreiras tarifárias e não tarifárias, aumentando assim os índices de exportação do Estado.

Com a pesquisa constatou-se que quase toda a produção de carne gaúcha é utilizada para abastecer o mercado interno. Um dos principais problemas do Estado em competitividade é o período de entre safra, ocasionado pelo inverno onde há falta de animais aptos ao abate. Outro problema que atinge a criação do gado no estado é o crescimento das áreas de cultivo de soja, o qual vem crescendo em áreas tradicionais da pecuária de corte.

O problema de pesquisa deste estudo era identificar “quais as vantagens comparativas da atividade de bovinocultura de corte para o Estado do Rio Grande do Sul no comércio Exterior?”. Para analisar tal situação utilizou-se o cálculo do IVCR, o mesmo é utilizado para analisar vantagens quantitativas e não leva em conta as vantagens qualitativas dos setores. Ocasionalmente assim limitação em relação a amplitude dos resultados da pesquisa, uma vez que a mesma analisou apenas dados de produção e exportação, não levando a importância da atividade no âmbito social.



O resultado do IVCR obtido através do comparativo com outros Estados exportadores de carne do país constatou que o Rio Grande do Sul não possui vantagens comparativas reveladas no comércio de carne bovina, em relação aos demais Estados exportadores. Embora estas desvantagens vêm diminuindo ao longo dos anos, confirmando assim que o Estado do Rio Grande do Sul vem buscando formas de desenvolver o setor para melhorar seu índice em relação aos demais Estados e buscar aumentar sua participação nas exportações do país.

Constatou-se que o Rio Grande do Sul possui potencial competitivo no comércio de carne bovina, mas é necessário desenvolver maneiras mais eficientes para explorar este potencial. Para tal, deve buscar estratégias para aumentar a competitividade tanto no mercado nacional, como no internacional da carne bovina é essencial para o setor obter crescimento.

Tendo em vista o crescimento das áreas de soja, uma opção para a continuidade desta pesquisa seria o desenvolvimento de uma possibilidade de integração de lavoura e pecuária do segmento da soja e gado, e também a aplicação de novas tecnologias à produção, necessárias para que o estado mantenha ou até mesmo aumente sua participação nas exportações brasileiras. Aplicar uma pesquisa exclusiva para o ano de 2017 pode ser outro segmento desta pesquisa, uma vez que o ano foi marcado pela operação carne fraca, e pelos indícios de corrupção envolvendo um dos maiores frigoríficos brasileiros o que ocasionou um episódio negativo na pecuária brasileira.

## 6 REFERÊNCIAS

ABIEC (Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de carne) **A pecuária Brasileira**. Disponível em: [http://www.abiec.com.br/3\\_pecuaria.asp](http://www.abiec.com.br/3_pecuaria.asp) e [http://www.abiec.com.br/download/stat\\_portos.pdf](http://www.abiec.com.br/download/stat_portos.pdf). Acesso em: 27/09/2018.

ACCARINI H.J. **Economia rural e desenvolvimento reflexões sobre o caso brasileiro**. 1. Ed. Editora Vozes Ltda. 1987.

ALIEVI. M. A. **O comércio de carne bovina do Rio Grande do Sul: Uma análise para o período 2008 – 2016**. 2016. Monografia (Bacharel em Ciências Econômicas) Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas Departamento de Ciências Econômicas, Curso de Ciências Econômicas, Santa Maria, 2016.

APPLEYARD Dennis R., ALFRED J. Field JR., STEVEN L. Cobb; **Economia internacional**; tradução técnica André Fernandes Lima ... [et al.]. – 6. ed. Porto Alegre. AMGH, 2010.

BLISKA F. M.; GUILHOTO J. M.; **O mercado internacional de carnes e a economia brasileira**. [s.a.] disponível em: [file:///C:/Users/user/Downloads/Mercado%20Internacional%20de%20Carne%20e%20a%20Economia%20Brasileira%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/user/Downloads/Mercado%20Internacional%20de%20Carne%20e%20a%20Economia%20Brasileira%20(1).pdf). Acesso em: 10/05/2018.

BLISKA, F.M. de Mello & GONÇALVES, J.R. **Estudo da Cadeia Produtiva de Carne Bovina no Brasil. In: Cadeias Produtivas e Sistemas Naturais: Prospecção Tecnológica**. 1º ed. Brasília: Embrapa-SP, 1998.

CALLADO. A.A. **Agronegócio**. Editora Atlas S.A. 2006.

CNA – Confederação da Agricultura e Pecuária de Brasil. **Brasil destina a exportação apenas 20% da carne bovina produzida e receita chega a 5,9 bi US\$**. COMEX. Agronegócio. **Balança comercial**. Destaque. 03 ago. 2016. Disponível em: <HTTPS://www.comexdobrasil.com/brasil-destina-a-exportacao-apenas-20-da-carne-bovina-produzida-e-receita-chega-a-us-59-bi> Acesso em: 08/08/2016.

CARBAUGH, R. J.; **Economia Internacional**; tradução Roberto Galvan – São Paulo, Pioneira Thomson Learning, 2004.

CARMO C. E.; MARIANO J. ; **Economia internacional** /– 3.ed. – São Paulo, Saraiva, 2016.

CONAB (Companhia Nacional de Abastecimento); **Receita bruta dos produtores rurais brasileiros**; Disponível em: [https://www.conab.gov.br/.../receita-bruta...brasil/.../16\\_e20dba340942da55c5a5](https://www.conab.gov.br/.../receita-bruta...brasil/.../16_e20dba340942da55c5a5). Acesso em : 28/09/18.

DORNELES M. T; DALAZOANA M.F; SCHLINDWEIN M. M.: **Análise do índice de vantagem comparativa revelada para o complexo da soja Sul-Mato-Grossense.** 2013. Disponível em: <http://www.iea.sp.gov.br/ftp/iea/publicar/rea2013-1/rea1-1-06f1.pdf>. Acesso em: 10/09/2018.

FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura); **Dados estatístico; Indicadores pecuarios por país; produção pecuária. 2016.** Disponível em: <http://www.fao.org/faostat/es/#data/QA>; Acesso em: 09/09/18.

FEE ( Fundação de Economia e Estatística) . COLLI, C. A.; CAETANI M. I.; TRINDADE C.; ALVIN M. A.: **Análise das vantagens comparativas e orientação regional das exportações das carnes suínas, bovina e de frango do Rio Grande do Sul entre 2000 e 2016.** Disponível em: <https://www.fee.rs.gov.br/wp-content/uploads/2016/05/201605267eeg-mesa15-analisevantagenscomparativasorientacaoregional.pdf> acesso em 28/05/2018.

FARMNEWS: **Gestão da carne brasileira no mercado internacional.** 2016 Disponível em:<http://www.farmnews.com.br/gestao/carne-bovina-brasileira-no-mercado-internacional>. Acesso em 10/10/2018.

FRIES, Carol. D.: **Análise competitiva das exportações do agronegócio gaúcho. 2013.** Dissertação (Mestrado em Administração – UFSM) – Universidade Federal de Santa Maria, Faculdade de Administração, Mestrado em Administração – UFSM, Santa Maria, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 eds. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Metodologia do ensino superior.** 4 eds. São Paulo: Atlas, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Indicadores IBGE, Estatística da Produção Pecuária; 2016.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/economicas/agricultura-e-pecuaria.html>. Acesso em 08/08/2018.

IUMA **Conferência da Cadeia da Carne Bovina;** 2007. Disponível em: [http://i-uma.edu.br/blog/wp-admin/Conferencia\\_Cadeia\\_da\\_Carne\\_Bovina.pdf](http://i-uma.edu.br/blog/wp-admin/Conferencia_Cadeia_da_Carne_Bovina.pdf) \_Acesso em: 10/08/2016.

KRUGMAN, Paul R.; OBSTEFELD, Maurice. **Economia internacional - Teoria e Política.** São Paulo: Makron Books, 2001.

LEÃES A. S.: **Análise da indústria de carne bovina no Rio Grande do Sul: Movimentação de Bovinos para abate entre as mesorregiões geográficas e concentração da indústria. 2015.** Dissertação (Mestrado em Agronegócio – CEPAN) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Agronomia, Mestrado em Agronegócio- CEPAN, Porto Alegre, 2015.

LEMOS K. F.: **A evolução da bovinocultura de corte brasileira: Elementos para caracterização do papel da ciência e da tecnologia na sua trajetória de desenvolvimento.2013.** Dissertação (Mestrado em Engenharia) apresentada à Escola politécnica da Universidade de São Paulo. Mestrado em Engenharia, São Paulo, 2013.

(MDIC). **Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior Brasil.** Brasília, DF, 2016a. **Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior via Web (Aliceweb).** Disponível em: <http://alicesweb.mdic.gov.br>. Acesso em 10/10/2018.

(MAPA). **Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Brasil.** Brasília, DF, 2016b. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br>. Acesso em 02 de set. 2016.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M.: **Metodologia do trabalho científico.** 5 eds. São Paulo: Atlas, 2001.

MASSUQUETTI A; RIBAS J. R.: **A pecuária de corte gaúcha: Uma análise dos principais sistemas de produção.** [S.d.]. Disponível em <https://www.fee.rs.gov.br/4-encontro...gaucha/.../estudos-setoriais-sessao4-1.doc>. Acesso em: 01/06/2018.

MENDES J e PADILHA J.: **Agronegócio uma abordagem econômica.** ed. Person Education, do Brasil. 2007.

NEVES, M. F & CASTRO, L.T. **O cenário para a Pecuária de Corte Brasileira. In: Anais da II Jornada técnica em sistemas de produção de bovinos de corte e cadeia produtiva.** Porto Alegre: UFRGS, 2007.

PIRES, J. A.: **A cadeia produtiva de carne bovina no Brasil mercado internacional e Nacional.** 2017. Disponível em: <https://www.simcorte.com/arquivosAnais/arquivo13> acesso em 30-05-18.

PINDYCK S. R. E RUBINFELD L. D: **Microeconomia.** ed. Prentice Hall Brasil. 2005.

PORTER, M. E. **Estratégia Competitiva: Técnicas para análise de indústrias e da concorrência.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, 400 p.

PRADO JR., C.: **História econômica do Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 2010, 364p.

PARKIN M; : **Economia** 8ª edição. São Paulo: Person, 2008, 832p.

REVISTA AGROANALYSIS; : Qual parte da carne é fraca?; **Revista Agroanalysis A revista do agronegócio** vol.37 abril 2017 editora n.d. disponível em: <http://www.agroanalysis.com.br/4/2017/mercado-negocios/mercado-de-carne-qual-parte-da-carne-e-fraca>. Acesso em: 01/05/2018.

RUBIN, S. L.; ILHA, S. A.; WAQUIL, D. P.: **O comércio brasileiro de carne bovina no contexto de integração regional**. Ano de 2008. Publicado em: Revista de Economia e Sociologia Rural. Vol.46 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20032008000400007&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032008000400007&lng=pt&tlng=pt).

SABADIN C.: **O comercio internacional da carne bovina brasileira e a indústria frigorífica exportadora**. Ano de 2006. p (1–29). Universidade federal do Mato Grosso do Sul. Disponível em: <http://repositorio.cbc.ufms.br:8080/jspui/bitstream/123456789/862/1/Catiana%20Sabadin.pdf> Acesso em: 10/08/2016.

DDA/SEAPI DEPARTAMENTO DE DEFESA AGROPECUÁRIA DA SECRETARIA DA AGRICULTURA PECUÁRIA E IRRIGAÇÃO: **Indicadores Agropecuários**. Disponível em: <http://www.agricultura.rs.gov.br/area-plantada-area-colhida-producao-rendimento-valor-da-producao-e-efetivo-de-rebanho>. Acesso em: 10-09-18.

ASSOCIAÇÃO DE PRODUTORES DE CARNE DO PAMPA GAÚCHO DA CAMPANHA MERIDIONAL: **Carne do Pampa Gaúcho da Campanha Meridional**. Disponível em: <http://www.sna.agr.br/indicacao-geografica-carne-do-pampa-gaucha-da-campanha-meridional/>. Acesso em 11/11/2018.

SOUZA P. F.: **O mercado da carne bovina no Brasil**. Ano de 2008. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/cienciaanimal/article/view/10640>. Acesso em: 04/10/2018.

SCALZARETTO, N.: **Exportação de carne bovina deve crescer em 2016 diz ABIEC**. Revista EXAME. 10 dez 2016. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/economia/noticias/exportacao-de-carne-bovina-deve-crescer-em-2016-diz-abiec> Acesso em: 20/09/2016.

TONHÁ, H. M.; CUNHA, C. A. da; WANDER, A. E.: **Vantagem comparativa revelada da carne bovina brasileira**. 2010 Disponível em :<https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/867616/vantagem-comparativa-revelada-da-carne-bovina-brasileira> acesso em 28/05/2018.